

DISCIPLINA

METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTÍFICO II

Apostila elaborada pelos professores
de MTC do ICPG

INSTITUTO
CATARINENSE DE
PÓS-GRADUAÇÃO

ICPG

IMPORTANTE:

Esta apostila é utilizada exclusivamente com fins didáticos na disciplina de METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTÍFICO II no Instituto Catarinense de Pós-Graduação. Não deve ser considerada como base para consulta bibliográfica, mas como material orientativo. É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos de autor (Lei n. 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Plano de estudo da disciplina

Ementa

A redação técnico-científica e as respectivas referências do artigo científico.

Objetivos da Disciplina

Fornecer conceitos básicos para a compreensão e crítica da pesquisa científica ou investigação científica.

Compreender a Metodologia do Trabalho Acadêmico e sua estrutura.

Fornecer subsídios para a estrutura do documento técnico-científico (Artigo Científico) a ser elaborado pelos alunos da pós-graduação do ICPG.

Avaliação

- Elaboração textual e exercícios.
- Socialização e Interação nas apresentações em sala.

Referências Sugeridas

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

AZEVEDO, Israel Belo de. **O prazer da produção científica**. 7.ed. Piracicaba: UNIMEP, 1999.

CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A. **Metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2000.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 21. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

TAFNER, Elisabeth Penzlien et al. **Metodologia do trabalho acadêmico**. 2.ed. Curitiba: Juruá, 2006.

SUMÁRIO

1 ESTILO DA REDAÇÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA	08
1.1 TEXTO TÉCNICO-CIENTÍFICO	08
1.2 O PARÁGRAFO NO TEXTO TÉCNICO-CIENTÍFICO	09
1.2.1 Formas para iniciar um texto	09
1.2.2 Formas de desenvolver o parágrafo	10
1.3 A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO NO TEXTO	11
1.3.1 Coesão e coerência	11
1.3.2 Exercícios sobre coesão e coerência	12
1.3.3 Estrutura do texto – Exercício de ideias-chave e palavras-chave	13
 2 CITAÇÕES	 14
2.1 SISTEMAS DE CHAMADA	14
2.1.1 Sistema numérico	14
2.1.2 Sistema autor-data	14
2.2 FORMAS DE CITAÇÃO	14
2.2.1 Citação direta	15
2.2.1.1 Citação direta curta.....;	15
2.2.1.2 Citação direta longa	15
2.2.1.3 Citação direta: citação da citação	15
2.2.1.4 Citação direta: omissão	16
2.2.1.5 Citação direta: destaque	16
2.2.2 Citação Indireta.....	16
2.2.3 Citação de informação verbal	16
2.3 INDICAÇÃO DOS AUTORES NA CITAÇÃO.....	17
2.3.1 Citação de trabalhos de um autor	17
2.3.2 Citação de trabalhos de dois autores	17
2.3.3 Citação de trabalhos de três autores	17
2.3.4 Citação de trabalhos de mais de três autores	17
2.4 ABREVIATURAS DE EXPRESSÕES LATINAS	18
2.5 EXERCÍCIOS SOBRE CITAÇÕES I	18
2.6 EXERCÍCIOS SOBRE CITAÇÕES II	20
2.7 EXERCÍCIO	22

3 TIPOS DE CONHECIMENTO	24
3.1 ORGANIZAÇÃO, FORMATO E APRESENTAÇÃO DO ARTIGO	24
3.1.1 Organização do texto técnico-científico	24
3.1.1.1 Elementos da estrutura do artigo científico	24
3.2 APRESENTAÇÃO DE ILUSTRAÇÕES E TABELAS	25
3.2.1 Formato de apresentação de elementos do texto	25
3.3 FORMATO DE APRESENTAÇÃO DO ARTIGO	26
 4 REFERÊNCIAS ABNT	 28
4.1. EXERCÍCIOS SOBRE REFERÊNCIAS I	33
4.2. EXERCÍCIOS SOBRE REFERÊNCIAS II	34
 5 REFERÊNCIAS	 36
ANEXO A - TEXTOS PARA O EXERCÍCIO SOBRE ideias-CHAVE E PALAVRAS-CHAVE	37
APÊNDICE B - MODELO DA ESTRUTURA DO ARTIGO.....	43

INTRODUÇÃO

Esta apostila tem como objetivo apresentar as características de artigos científicos e procedimentos para sua elaboração e, com isso, favorecer e estimular a ética, a solução de problemas, a produção escrita dos alunos e/ou a vivência da pesquisa científica. Para tanto, a apostila apresenta explicações sobre a estrutura do documento técnico-científico a ser elaborado pelos alunos da pós-graduação do ICPG.

Salienta-se que, para a elaboração do Artigo Científico, o aluno deve seguir, em conformidade com as normas do ICPG, as indicações metodológicas e orientações estabelecidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), especificamente as seguintes Normas Brasileiras de Referência (NBR): 6022 (artigos), de 2003; 6023 (referências), de 2002; 6024 (numeração progressiva das seções de um documento escrito), de 2003; 6027 (sumário), de 2003; 6028 (resumo), de 2003; 10520 (citações), de 2002; e 14724 (trabalhos acadêmicos), de 2005.

1 ESTILO DA REDAÇÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA

1.1 TEXTO TÉCNICO-CIENTÍFICO

O texto técnico-científico se caracteriza por abordar temática referente à ciência, utilizando seu instrumental teórico e objetivando a discussão científica. Ao empregar a linguagem técnica ou científica em seu nível padrão ou culto, respeitando as regras gramaticais, obtém-se o estilo próprio da redação técnico-científica.

O estilo de redação usado em artigos científicos é chamado técnico-científico, tendo diferenças significativas em relação aos artigos jornalísticos e aos textos literários e publicitários. Alguns aspectos devem ser observados na redação técnico-científica:

Objetividade: os temas, na linguagem científica, devem ser abordados de maneira simples, evitando-se expressões pernósticas e hermetismo excessivo. Muito embora cada ciência tenha expressões e conceitos que fazem parte de seu código restrito, comum na comunidade científica que estuda determinado assunto, o pesquisador deve ter a preocupação de desenvolver uma linguagem acessível a um público o mais amplo possível. As ideias devem seguir uma sequência lógica e ordenada. (FOUREZ, 1995).

Coerência: uma sequência lógica, ordenada e hierarquizada na apresentação dos assuntos tratados deve ser observada. De maneira geral, o artigo científico tem uma sequência que se repete em cada etapa do trabalho. A sequência de ideias que foi anunciada no resumo deve estar detalhada na introdução e seguir o mesmo ordenamento no desenvolvimento. Nas considerações finais, devem-se evidenciar os aspectos essenciais do artigo, na ordem em que foram apresentados no desenvolvimento.

Clareza: o texto científico deve primar pela redação clara, não deixando margem à diversidade de interpretações. É fundamental que se evitem comentários irrelevantes e redundantes.

Precisão: toda palavra utilizada deve traduzir exatamente a ideia a ser transmitida. Um vocabulário preciso é aquele que evita linguagem rebuscada e prolixa e atinge o seu objetivo de maneira mais direta possível. Deve-se utilizar uma nomenclatura aceita no meio científico. Sempre que houver necessidade de se forjar um conceito novo, é necessário que seja feito de forma consistente.

Imparcialidade: o trabalho científico deve evitar ideias preconcebidas. Todo posicionamento adotado em um texto deve estar amparado em fatos e dados evidenciados pela pesquisa. A noção de imparcialidade tem implicações na epistemologia (teoria do conhecimento) que se adota; no entanto, o autor deve primar por manter seu posicionamento e suas escolhas de pesquisa sem assumir uma postura unilateral.

Uniformidade: o texto deve primar pela uniformidade. Deve-se preferir o uso de algarismos que não sejam expressos em uma só palavra. Siglas e abreviaturas quando aparecem pela primeira vez no texto devem ser antecedidas pelo nome por extenso. Quanto à conjugação verbal, recomenda-se o uso da forma impessoal.

O Quadro 1 apresenta uma síntese de alguns aspectos a serem observados na redação técnico-científica

LEMBRETE

Características	Descrição
Objetividade e coerência	<ul style="list-style-type: none"> Fazer abordagem simples e direta do tema. Observar sequência lógica e ordenada de ideias. Manter coerência e progressão na apresentação do tema, conforme os objetivos propostos.
Clareza e precisão	<ul style="list-style-type: none"> Evitar comentários irrelevantes e redundantes. Utilizar vocabulário preciso (evitar linguagem rebuscada e prolixa). Utilizar nomenclatura aceita no meio científico.
Imparcialidade	<ul style="list-style-type: none"> Apresentar conteúdo apoiado em dados e provas; não opinativo. Evitar ideias preconcebidas. Evitar posicionamento não amparado pela pesquisa.
Uniformidade	<ul style="list-style-type: none"> Manter uniformidade ao longo de todo texto (abreviaturas, siglas, conjugação).

Quadro 1 Alguns aspectos a serem observados na redação técnico-científica
Fonte: Os autores, 2007.

1.2 O PARÁGRAFO NO TEXTO TÉCNICO-CIENTÍFICO

O parágrafo é a base de toda construção textual. É formado por um ou mais enunciados que devem convergir para a produção de um sentido. É a [...] unidade do discurso que tem em vista atingir um objetivo. (MEDEIROS, 2004, p. 271).

Se o parágrafo visa atingir um determinado objetivo, em cada um deles se vão imprimindo as etapas do raciocínio que se quer expressar para o leitor. Essas etapas constituem uma sequência lógica e não podem ser dispostas de qualquer maneira, sob pena de tornar o texto incoerente. Parágrafos excessivamente longos ou formados por uma única frase podem denotar insegurança de quem escreve.

Cada parágrafo carrega consigo uma determinada ideia. Portanto, sua extensão e sua complexidade estão atreladas ao raciocínio que está sendo desenvolvido. Ao separar ou agrupar ideias, é preciso saber exatamente a finalidade de cada uma, pois esse processo indica a articulação (processo reflexivo) e a importância de cada uma delas. Ideias afins devem ficar no mesmo parágrafo (independentemente do tamanho físico do parágrafo); a abertura de um novo parágrafo indica o término de uma etapa e o começo de outra.

Segundo Salvador (1980, p. 197),

O tópico do parágrafo que contém a ideia-núcleo denomina-se de tópico frasal. Geralmente, compõe-se de uma generalização a que se seguem as especificações. [...] O tópico frasal se encontra [...] quase sempre no período inicial do parágrafo. Outras vezes a ideia-núcleo está diluída no decurso do parágrafo.

O parágrafo tem estrutura similar a de um texto com vários parágrafos: é composto por introdução, desenvolvimento e conclusão. Para que seja bem elaborado, o tópico frasal deve conter uma palavra importante que possa ser explorada para o significado do parágrafo. A má definição do tópico frasal dificulta a redação do parágrafo.

Em nome da clareza e da objetividade, é importante que se observem, ainda, no processo de paragrafação, dois aspectos:

Devem-se evitar abstrações.

Cada parágrafo deve explorar uma só ideia. Explorar várias ideias ao mesmo tempo torna o texto confuso, sem coerência.

1.2.1 Formas para iniciar um texto

O primeiro parágrafo é sempre muito importante em qualquer texto. É a partir dele que o autor atrai ou não a atenção do leitor. Existem várias maneiras criativas para iniciá-lo e, assim, fugir dos lugares-comuns. Extraíram-se de Viana et al. (1998, p. 75-80, grifos dos autores) algumas formas que certamente são úteis para escrever um artigo.

2. Definição (tema: o mito)

O mito, entre os povos primitivos, é uma forma de se situar no mundo, isto é, de encontrar o seu lugar entre os demais seres da natureza. É um modo ingênuo, fantasioso, anterior a toda reflexão e não-crítico de estabelecer algumas verdades que não só explicam parte dos fenômenos naturais ou mesmo a construção cultural, mas que dão, também, as formas da ação humana.

A definição é uma forma simples e muito usada em parágrafos-chave, sobretudo em textos dissertativos. Pode ocupar só a primeira frase ou todo o primeiro parágrafo.

3. Divisão (tema: exclusão social)

Predominam ainda no Brasil duas convicções errôneas sobre o problema da exclusão social: a de que ela deve ser enfrentada apenas pelo poder público e a de que sua superação envolve muitos recursos e esforços extraordinários. Experiências relatadas nesta Folha mostram que o combate à marginalidade social em Nova York vem contando com intensivos esforços do poder público e ampla participação da iniciativa privada. Folha de S.Paulo, 17 dez. 1996.

Ao dizer que há duas convicções errôneas, fica logo clara a direção que o parágrafo vai tomar. O autor terá de explicitá-las na frase seguinte.

4. Oposição (tema: a educação no Brasil)

De um lado, professores mal pagos, desestimulados, esquecidos pelo governo. De outro, gastos excessivos com computadores, antenas parabólicas, aparelhos de videocassete. É este o paradoxo que vive hoje a educação no Brasil.

As duas primeiras frases criam uma oposição (de um lado, de outro) que estabelecerá o rumo da argumentação.

5. Alusão histórica (tema: globalização)

Após a queda do Muro de Berlim, acabaram-se os antagonismos leste/oeste, e o mundo parece ter aberto de vez as portas para a globalização. As fronteiras foram derrubadas, e a economia entrou em rota acelerada de competição.

O conhecimento dos principais fatos históricos ajuda a iniciar um texto. O leitor é situado no tempo e pode ter uma melhor dimensão do problema.

6. Uma pergunta (tema: a saúde no Brasil)

Será que é com novos impostos que a saúde melhorará no Brasil? Os contribuintes já estão cansados de tirar dinheiro do bolso para tapar um buraco que parece não ter fim. A cada ano, somos lesados por novos impostos para alimentar um

sistema que só parece piorar.

A pergunta não é respondida de imediato. Ela serve para despertar a atenção do leitor para o tema e será respondida ao longo da argumentação.

7. Uma frase nominal seguida de explicação (tema: a educação no Brasil)

Uma tragédia. Essa é a conclusão da própria Secretaria de Avaliação e Informação Educacional do Ministério da Educação e Cultura sobre o desempenho dos alunos do 3º ano do 2º grau submetidos ao Saeb (Sistema de Avaliação da Educação Básica), que ainda avaliou estudantes da 4ª série e da 8ª série do 1º grau em todas as regiões do território nacional. Folha de S.Paulo, 27 nov. 1996.

A palavra tragédia é explicada logo depois, retomada por: essa é a conclusão.

9. Citação (tema: política demográfica)

“As pessoas chegam ao ponto de uma criança morrer e os pais não chorarem mais, trazerem a criança, jogarem num bolo de mortos, virarem as costas e irem embora.” O comentário, do fotógrafo Sebastião Salgado, falando sobre o que viu em Ruanda, é um acicate no estado de letargia ética que domina algumas nações do Primeiro Mundo. Di FRANCO, Carlos Alberto, Jornalismo, ética e qualidade. Rio de Janeiro, Vozes, 1995, p. 73.

A citação inicial facilita a continuidade do texto, pois ela é retomada pela palavra comentário da segunda frase.

11. Exposição de ponto de vista oposto (tema: o provão)

O Ministro da Educação se esforça para convencer de que o provão é fundamental para a melhoria da qualidade do ensino superior. Para isso, vem ocupando generosos espaços na mídia e fazendo milionária campanha publicitária, ensinando como gastar mal o dinheiro que deveria ser investido na educação. Orlando Silva Júnior e Eder Roberto Silva, Folha de S.Paulo, 5 nov. 1996.

Ao começar o texto com a opinião contrária, delineia-se, de imediato, qual a posição dos autores. Seu objetivo será refutar os argumentos do opositor, numa espécie de contra-argumentação.

12. Comparação (tema: reforma agrária)

O tema da reforma agrária está presente há bastante tempo nas discussões sobre os problemas mais graves que afetam o Brasil. Numa comparação entre o movimento pela abolição da escravidão no Brasil, no final do século passado e, atualmente, o movimento pela reforma agrária, podemos perceber algumas semelhanças. Como na época da abolição da escravidão existiam elementos favoráveis e contrários a ela, também hoje há os que são a favor e os que são contra a implantação da reforma agrária no Brasil. OLIVEIRA, Pêrsio S. de. Introdução à sociologia. São Paulo, Ática, 1991, p. 101.

Para introduzir o tema da reforma agrária, o autor comparou a sociedade de hoje com a do final do século XIX, mostrando a semelhança de comportamento entre elas.

13. Retomada de um provérbio (tema: mídia e tecnologia)

O corriqueiro adágio de que o pior cego é o que não quer ver se aplica com perfeição na análise sobre o atual estágio da mídia: desconhecer ou tentar ignorar os incríveis avanços tecnológicos de nossos dias e supor que eles não terão reflexos profundos no futuro dos jornais é simplesmente impossível. Jayme Sirotsky, Folha de S.Paulo, 5 dez. 1995.

Sempre que você usar esse recurso, não escreva o provérbio simplesmente. Faça um comentário sobre ele para quebrar a ideia de lugar-comum que todos eles trazem. No exemplo, o autor diz “o corriqueiro adágio” e assim demonstra que está consciente de que está partindo de algo por demais conhecido.

1.2.2 Formas de desenvolver o parágrafo

Em Medeiros (2004, p. 271-275), é possível observar alguns exemplos para desenvolver parágrafos:

4.2 Desenvolvimento do parágrafo explorando características temporais: “A retórica ou arte de bem falar não é muito prestigiada atualmente. Na sua origem (que remonta ao século V a.C.), consistia num conjunto de técnicas destinadas a reger a organização do discurso, segundo os objetivos a serem atingidos. Era um meio de chegar ao domínio da linguagem verbal. Além disso, a abordagem de tais técnicas levava a estudar a linguagem e seus componentes e a fazer disso um objeto de ciência. Infelizmente, a retórica confundiu rapidamente seus fins e seus meios. Reduziu-se a uma técnica de ornamentação do discurso, exagerando as sutilezas nas distinções das figuras. Depois de ter sido objeto de ensino prático da linguagem e da ciência, contribuiu para esclerosar a eloquência e sufocar o discurso verbal pela multiplicidade de regras e figuras: não tardou a apagar-se e a se tornar sinônima de afetação ou de declamação falsa. Mas, de alguns anos para cá, vem ela reconquistando seu lugar de honra. Assim, reeditam-se na França velhos tratados do século XVIII (Dumarsais) e do século XIX (Fontanier). Volta-se a estudar as figuras, sobretudo no domínio poético. Uma breve descrição dos principais elementos da retórica talvez nos ajude a compreender as razões de seu renascimento” (VANOYE, 1985, p. 47).

Também aqui o autor se apoiou numa constatação: “a retórica ou arte de bem falar não é muito prestigiada atualmente”. A partir daí, para dar consistência a seu argumento, expande a ideia inicial, explorando características temporais. O argumento do autor contraria em parte a afirmação inicial: “mas, de alguns anos para cá, vem ela reconquistando seu lugar de honra”. Neste caso, a relação entre a ancoragem e a opinião do autor é de contrariedade. As outras três formas de relacionar uma ancoragem com a opinião do autor são: associatividade (o autor manifesta opinião semelhante à constatada ou tirada de uma citação direta), complementaridade (o autor complementa a informação da ancoragem,

acrescentando alguma informação nova do tipo: além disso...) e incompatibilidade (o autor nega a informação apresentada na ancoragem). A ancoragem de um parágrafo tem a função de “situar adequadamente o leitor dentro do texto e permitir que o assunto seja coerentemente abordado”. (SIQUEIRA, 1995, p. 14). Ela pode dar-se com base no saber partilhado (conhecimento que se toma como do senso comum); a ancoragem pode ser: com base em fatos, com base numa citação ou num problema (vem expressa numa frase interrogativa).

4.3 Desenvolvimento do parágrafo por enumeração de pormenores ou fatos: “A paráfrase é útil para avaliar um documento quando se quer saber se os usuários o compreenderam, sem implicar memorização do mesmo. Há três estratégias para parafrasear mensagens de documentos: Mudar a ordem e as palavras do original, substituindo-as por outras, mas com sentido equivalente. Transformar o texto em um ‘cenário’ em que apareça uma terceira personagem neutra que deverá usar a informação representada no documento. Exemplo: X deve fazer Y e Z. Como deve proceder? Transformar o documento em uma situação problemática envolvendo o usuário, a quem caberá resolver o problema”. (MENDONÇA, 1987, p. 49).

4.4 Desenvolvimento do parágrafo por apresentação de contrastes: “A primeira e a mais fundamental diferença que se apresenta entre as ciências diz respeito às ciências formais, estudo das ideias, e às ciências factuais, estudo dos fatos. Entre as primeiras encontram-se a lógica e a matemática que, não tendo relação com algo encontrado na realidade, não podem valer-se dos contatos com essa realidade para convalidar suas fórmulas. Por outro lado, a física e a sociologia, sendo ciências factuais, referem-se a fatos que supostamente ocorrem no mundo e, em consequência, recorrem à observação e à experimentação para comprovar (ou refutar) suas fórmulas (hipóteses).” (LAKATOS, 1995c, p. 25).

4.6 Desenvolvimento do parágrafo por causa e consequência: “A maior parte do que se sabe a respeito da elaboração de questionários decorre da experiência. Resulta daí que boa parte do que se dispõe nesse domínio é constituída por receitas baseadas no senso comum, sem maior apoio em provas científicas rigorosas ou em teorias. Pode-se, no entanto, determinar alguns aspectos que devem ser observados na elaboração dos questionários de pesquisa. Os mais importantes são esclarecidos a seguir.” (GIL, 1989b, p. 126).

4.7 Desenvolvimento do parágrafo por explicitação: “De maneira bastante prática, pode-se dizer que variável é qualquer coisa que pode ser classificada em duas ou mais categorias. ‘Sexo’, por exemplo, é uma variável, pois envolve duas categorias: masculino e feminino. ‘Classe Social’ também é variável, já que envolve diversas categorias, como alta, média e baixa. Também idade constitui uma variável, podendo abranger uma quantidade infinita de valores numéricos. Outros exemplos de variáveis são: estatura, estado civil, nível de escolaridade, agressividade, introversão, conservadorismo político, nível intelectual etc.” (GIL, 1989b, p. 61-62).

1.3 A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO NO TEXTO

Ao desenvolver um texto técnico-científico, o autor deve direcionar todos os seus esforços para a consecução dos objetivos propostos. Toda etapa do trabalho deve ser desenvolvida para atender a sua finalidade específica. O conjunto das etapas desenvolvidas, visando aos objetivos do trabalho, estabelece o sentido no texto técnico-científico.

1.3.1 Coesão e coerência

O texto técnico-científico deve ser coerente e coeso para que produza o sentido adequado. Um texto coerente é um conjunto harmônico, em que todas as partes se encaixam de maneira complementar, de modo que não haja nada destoante, nada ilógico, nada contraditório, nada desconexo.

Um texto tem coesão quando seus vários enunciados estão articulados entre si, quando há concatenação entre eles. A coesão contribui para a ligação entre as ideias e há uma série de recursos para estabelecê-la, como:

a. Epítetos: palavra ou frase que qualifica pessoa ou coisa. Glauber Rocha fez filmes memoráveis. Pena que o famoso cineasta brasileiro tenha morrido tão cedo.

b. Palavras ou expressões sinônimas ou quase-sinônimas: Os quadros de Van Gogh não tinham nenhum valor em sua época. Houve telas que serviram até de porta de galinheiro.

c. Repetição de uma palavra: apenas quando não for possível substituí-la por outra. A propaganda, seja ela comercial ou ideológica, está sempre ligada aos objetivos e aos interesses da classe dominante. Essa ligação, no entanto, é ocultada por uma inversão: a propaganda sempre mostra que quem sai ganhando com o consumo de tal ou qual produto ou ideia não é o dono da empresa, nem os representantes do sistema, mas, sim, o consumidor. Assim, a propaganda é mais um veículo da ideologia dominante.

d. Um termo-síntese: a palavra limitações sintetiza o que foi dito antes. O país é cheio de entraves burocráticos. É preciso preencher um sem-número de papéis. Depois, pagar uma infinidade de taxas. Todas essas limitações acabam prejudicando o importador.

e. Pronomes: Vitaminas fazem bem à saúde. Mas não devemos tomá-las ao acaso. O colégio é um dos melhores da cidade. Seus dirigentes se preocupam muito com a educação. Aquele político deve ter um

discurso muito convincente. Ele já foi eleito seis vezes. Há uma grande diferença entre Paulo e Maurício. Este guarda rancor de todos, enquanto aquele tende a perdoar.

f. Numerais

Não se pode dizer que toda a turma esteja mal preparada. Um terço pelo menos parece estar dominando o assunto.

Recebemos dois telegramas. O primeiro confirmava a sua chegada; o segundo dizia justamente o contrário.

g. Advérbios pronominais (aqui, ali, lá, aí)

Não podíamos deixar de ir ao Louvre. Lá está a obra-prima de Leonardo da Vinci: a “Mona Lisa”.

h. Elipse

O ministro foi o primeiro a chegar. (Ele) Abriu a sessão às oito em ponto e (ele) fez, então, seu discurso emocionado.

i. Repetição do nome próprio (ou parte dele)

Manuel da Silva Peixoto foi um dos ganhadores do maior prêmio da loteria. Peixoto disse que ia gastar todo o dinheiro na compra de uma fazenda e em viagens ao exterior.

Lygia Fagundes Telles é uma das principais escritoras brasileiras da atualidade. Lygia é autora de “Antes do baile verde”, um dos melhores livros de contos de nossa literatura.

j. Associação: uma palavra retoma outra porque mantém com ela, em determinado contexto, vínculos precisos de significação. São Paulo é sempre vítima das enchentes de verão. Os alagamentos prejudicam o trânsito, provocando engarrafamentos de até 200 quilômetros. (VIANA et al., 1998, p. 30-32).

1.3.2 Exercícios sobre coesão e coerência

Utilizando os recursos de coesão, substitua os elementos repetidos quando necessário:

a) São muito raras as pessoas que, ao mexer no Google Earth, não ficam encantadas com o Google Earth. Com o Google Earth e uma conexão de banda larga, podem-se baixar, em segundos, fotos de qualquer lugar do planeta feitas por satélites. O Google Earth permite voar de um lugar para outro de forma espetacular. As imagens do Google Earth mostram até os automóveis nas ruas. Nas imagens do Google Earth, INFOLAB identificou, com facilidade, o prédio da Editora Abril, que publica a INFO, o dirigível da Goodyear voando sobre São Paulo e o Cristo Redentor, no Rio de Janeiro. Em algumas cidades dos Estados Unidos, como Nova York e Miami, o Google Earth exibe desenhos tridimensionais dos prédios. Em áreas montanhosas, um recurso de visualização oblíqua destaca o relevo. E há uma versão do Google Earth paga que troca dados com aparelhos de GPS.

(GREGO, Maurício. O planeta no micro. **InfoExame**, São Paulo, n. 233, p. 136, ago. 2005.)

b) A sociedade inglesa enfrentou o terrorismo com resignação, resistência e o sentimento de que não deveria permitir que os ataques atrapalhassem o seu dia-a-dia. A reação diante da morte de Jean Charles de Menezes é de outra ordem. A sociedade inglesa respirou aliviada num primeiro momento, quando a sociedade inglesa foi levada a pensar que a polícia tinha conseguido eliminar um terrorista prestes a detonar sua bomba numa das principais estações de metrô de Londres. A intensidade do choque causado pelo reconhecimento posterior de que a Scotland Yard tentou encobrir a morte de Jean Charles de Menezes suplanta, de certa forma, a indignação provocada pelos atentados de 7 de julho. À medida que se tomou conhecimento das falsificações de dados, das meias verdades e do desaparecimento das fitas de segurança, a sociedade inglesa começou a perceber que esse tipo de atitude por parte da polícia é mais prejudicial ao seu estilo de vida que o terrorismo propriamente dito. A sociedade inglesa concebe a existência do terror como fenômeno nefasto a ser extirpado, mas não está disposta a conviver com uma polícia que desperta desconfiança. [...]

A primeira versão posta a circular pela Scotland Yard foi a de que Jean Charles de Menezes deu motivos para a polícia abrir fogo. Mais tarde se descobriu tratar-se de lorota vergonhosa. [...] “A tentativa da Scotland Yard de encobrir os erros no caso Jean Charles de Menezes abalou mais sua credibilidade do que as falhas propriamente ditas”, disse à VEJA o especialista inglês Charles Shoebridge, ex-policia da força terrorista da Scotland Yard.

O delicado caso de Jean Charles de Menezes será um teste capital para a Comissão Independente de Queixas contra a Polícia (IPCC, na sigla em inglês), responsável pelo inquérito. [...]

A polícia informou aos investigadores que algumas câmeras do circuito fechado da estação de metrô Stockwell não registram os últimos momentos de Jean Charles de Menezes. (RIBEIRO, Antonio. A polícia mentiu. **Veja**, São Paulo, n. 34, p. 86, 24 ago. 2005.)

1.3.3 Estrutura do texto Exercício sobre ideias-chave e palavras-chave. (Ver Anexo A).

Responda:

- a) Quais as palavras-chave do texto? Apresente-as separadamente para cada parágrafo.
- b) Quais as ideias-chave do texto? Apresente-as separadamente para cada parágrafo.
- c) Elabore um esquema, organograma ou teia com as palavras-chave.
- d) Sintetize o texto por meio das ideias-chave em um único parágrafo (aproximadamente 7 linhas).

Anotações

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The top-left and bottom-left corners are rounded, while the right side is straight. There are approximately 20 evenly spaced horizontal lines across the page. The paper appears to be part of a notebook or binder, as suggested by the dark binding visible along the left edge.[illegible]

2 CITAÇÕES

A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) define citação como a “Menção de uma informação extraída de outra fonte.” (NBR 10520, 2002, p. 1). De acordo com Barros e Lehfeld (2000, p. 107),

As citações ou transcrições de documentos bibliográficos servem para fortalecer e apoiar a tese do pesquisador ou para documentar sua interpretação. O que citar? Componentes relevantes para descrição, explicação ou exposições temáticas. Para que citar? Para o investigador refutar ou aceitar o raciocínio e exposição de um autor suporte [...].

Nesse sentido, pode-se afirmar que, entre os objetivos da utilização das citações, estão: permitir ao leitor ir ao texto original, possibilitar a identificação do legítimo “autor” das ideias apresentadas, dar credibilidade e autoridade ao texto, reforçar a ideia exposta, fundamentar em outros autores que discutem o assunto em questão, corroborar as ideias ou a tese que o autor defende. Destaca Soares (2003, p. 76, grifo do autor): “[...] é importante lembrar que é impossível um trabalho sério sem citações, ou melhor, é impossível ‘partir do nada’. Porém, cabe advertir que um trabalho científico não pode constituir mera cópia ou paráfrases. Ele pressupõe uma reflexão própria.”

As citações no texto devem ser feitas de maneira uniforme e de acordo com o estilo do pesquisador ou critério adotado pela Revista em que o trabalho será publicado. Contudo, as citações devem seguir as prescrições da NBR 10520, de 2002.

Quanto ao sistema de chamada à indicação das fontes citadas, “As citações devem ser indicadas no texto por um sistema de chamada: numérico ou autor-data.” (NBR 10520, 2002, p. 3).

2.1 SISTEMAS DE CHAMADA

2.1.1 Sistema numérico

No sistema numérico, a numeração é única e consecutiva, em algarismos arábicos. Nesse sistema, não deve ser iniciada uma nova numeração a cada nova página do trabalho. A fonte é indicada de forma completa em nota de rodapé e deve ser apresentada de acordo com as normas de referência bibliográfica. Cabe lembrar que as notas de referências contidas nas notas de rodapé devem estar na lista de Referências.

LEMBRETE

- Quando se usa nota de rodapé, não deve ser usado o sistema numérico.

2.1.2 Sistema autor-data

O sistema autor-data é o adotado pela Revista Leonardo Pós. Nele, o leitor pode identificar a fonte completa da citação na lista de Referências, organizada em ordem alfabética no final do trabalho.

O formato da citação no sistema autor-data é feito pelo sobrenome do autor ou pela instituição responsável ou, ainda, pelo título de entrada (caso a autoria não esteja declarada), seguido pela data de publicação do documento e página da citação, separados por vírgula.

De acordo com a NBR 10520 (2002), se o sobrenome do autor, a instituição, o responsável ou o título estiver incluído no texto, este deve ser com letras maiúsculas e minúsculas. Entretanto, quando estiver entre parênteses, deve ser com letras maiúsculas.

Exemplo 1

Para Foucambert (1994, p. 16), “Quem é leitor não considera o livro como um objeto sagrado; já os que freqüentam o livro esporadicamente tem uma atitude inferiorizada em relação a ele: o livro está com a razão e eles estão errados.”

Exemplo 2

“A ideia de que a mente funciona como um computador digital e que este último pode servir de modelo ou metáfora para conceber a mente humana iniciou a partir da década de 40.” (TEIXEIRA, 1998, p. 35).

LEMBRETE

Citações com dois ou mais documentos de um mesmo autor, publicados em um mesmo ano, devem ser diferenciadas pelo acréscimo de letras minúsculas do alfabeto.

(SILVA, 2000a)

(SILVA, 2000b)

Havendo dois autores com o mesmo sobrenome e mesma data, acrescentam-se as iniciais de seus próprios nomes.

(SILVA, M., 2006)

(SILVA, C., 2006)

2.2 FORMAS DE CITAÇÃO

2.2.1 Citação direta

A citação direta, de acordo com a NBR 10520 (2002, p. 2), é a “Transcrição literal da parte da obra do autor consultado.” Devem-se respeitar redação, ortografia, sinais gráficos e pontuação do texto original, ou seja, deve ser cópia fiel do autor consultado.

2.2.1.1 Citação direta curta

A citação curta é de até três linhas e deve ser inserida, entre aspas, no parágrafo.

Exemplo 1 - No parágrafo: Sobrenome dos autores (data, n. da página).

Assis (1996, p. 41) afirma que “A informação está nas mãos de poucos, porque estes tem medo de perder suas tarefas, ou tornar-se substituíveis.”

Exemplo 2 - No final da citação (SOBRENOME DO AUTOR, data, n. da página).

“A informação está nas mãos de poucos, porque estes tem medo de perder suas tarefas, ou tornar-se substituíveis.” (ASSIS, 1996, p. 41).

2.2.1.2 Citação direta longa

As citações diretas, com mais de três linhas, devem aparecer em parágrafo distinto, com recuo de 4 centímetros da margem esquerda, espaçamento simples, sem aspas e em fonte 10.

Exemplo 1:

Os métodos de ensino da leitura e da escrita abrangiam apenas o ensino do alfabeto, suas combinações e produção de sons, seguido depois pelo ensino da gramática como coisa pronta e acabada. De acordo com Rizzo (1998, p.22),

Com Ferdinand Saussure [...], a investigação científica passou das línguas (todas as existentes) à língua (de concepção abstrata), percebida como e enquanto meio de comunicação do pensamento e definida como sistema de relações, determinado por suas propriedades internas, cujas possibilidades combinatórias oferecem-se à verificação empírica: as regras gramaticais.

Exemplo 2:

Os métodos de ensino da leitura e da escrita abrangiam apenas o ensino do alfabeto, suas combinações e produção de sons, seguido depois pelo ensino da gramática como coisa pronta e acabada.

Com Ferdinand Saussure [...], a investigação científica passou das línguas (todas as existentes) à língua (de concepção abstrata), percebida como e enquanto meio de comunicação do pensamento e definida como sistema de relações, determinado por suas propriedades internas, cujas possibilidades combinatórias oferecem-se à verificação empírica: as regras gramaticais. (RIZZO, 1998, p.22).

2.2.1.3 Citação direta: citação da citação

É a citação de parte de um texto encontrado em um determinado autor, referente a outro autor, ao qual não se teve acesso. Utiliza-se apenas quando não houver possibilidade de acesso ao documento original. É indicado pela expressão **apud** que significa **citado por**. No texto, a citação da citação deve seguir a seguinte ordem: autor do documento não consultado seguido da expressão latina “**apud**” (citado por) e autor da obra consultada.

Exemplo 1:

A teoria da Gestalt tem nesta perspectiva sua orientação teórica, entrando nos conceitos de estrutura e totalidade. Segundo Piaget (1976 apud MOLL, 1996, p. 80), “Ela consiste em explicar cada invenção da inteligência por uma estruturação renovada e endógena do campo da percepção ou do sistema de conceitos e relações.”

Exemplo 2:

A teoria da Gestalt tem nesta perspectiva sua orientação teórica, entrando nos conceitos de estrutura e totalidade. “Ela consiste em explicar cada invenção da inteligência por uma estruturação renovada e endógena do campo da percepção ou do sistema de conceitos e relações.” (PIAGET, 1976 apud MOLL, 1996, p. 80).

LEMBRETE

Na citação de citação, a referência se inicia pelo nome do autor não consultado. Dessa forma, a ordem das informações é: referência do autor não consultado, seguido da expressão **apud** e referência do autor consultado.

2.2.1.4 Citação direta: omissão

A omissão é um recurso utilizado quando não é necessário citar integralmente o texto de um autor. Porém, deve-se ter o cuidado para não alterar o sentido do texto original. No texto, a omissão é indicada por reticências entre colchetes: [...]. As omissões podem aparecer no início, no fim e no meio de uma citação.

Exemplo 1:

Conforme Maturana e Varela (1995, p. 25),

[...] só na reflexão que busca o entendimento nos seres humanos, poderemos nos abrir mutuamente para espaços de coexistência nos quais a agressão seja um acidente legítimo da convivência e não uma instituição justificada com uma falácia racional. [...] Se não agirmos desse modo, [...] só nos restará fazer o que continuamente estamos fazendo [...].

Exemplo 2:

[...] só na reflexão que busca o entendimento nos seres humanos, poderemos nos abrir mutuamente para espaços de coexistência nos quais a agressão seja um acidente legítimo da convivência e não uma instituição justificada com uma falácia racional. [...] Se não agirmos desse modo, [...] só nos restará fazer o que continuamente estamos fazendo [...] (MATURANA; VARELA, 1995, p. 25).

2.2.1.5 Citação direta: destaque

Quando houver necessidade de se enfatizar alguma palavra, expressão ou frase em uma citação direta, pode-se grifá-la. Para tanto, usa-se o recurso tipográfico negrito na parte do texto a ser destacada, seguindo imediatamente pela expressão: **grifo nosso**. Essas expressões devem vir entre parênteses, após a indicação da página de onde foi retirada a citação.

Exemplo 1:

Como afirma Morin (2000, p. 63, grifo nosso), “[...] nossas visões do mundo são as **traduções do mundo** [...]”, ou seja, o que acreditamos ser a realidade é o fruto da interpretação feita por nosso cérebro dos estímulos que chegam a ele via rede nervosa.

Quando já existe destaque no texto original, mantém-se este destaque indicando sua existência pela expressão **grifo do autor** ou **grifo dos autores** entre parênteses.

Exemplo 2:

Naquele contexto foi necessário “[...] criar uma literatura **independente, diversa**, [...] aparecendo o classicismo como manifestação de passado colonial [...]” (CANDIDO, 1993, p. 12, grifo do autor).

2.2.2 Citação indireta

A citação indireta é a interpretação das ideias de um ou mais autores do texto em questão. Porém, deve-se manter o sentido original do texto. A citação indireta não é a transcrição literal das palavras do autor; não deve estar entre aspas nem em parágrafo distinto. Porém, deve-se indicar o(s) autor(es) e ano da obra.

A citação indireta pode aparecer de duas formas:

1. paráfrase reprodução das ideias de um autor a partir das palavras de quem escreve, devendo a citação manter aproximadamente o mesmo tamanho do trecho original;

2. condensação em termo gerais, é uma síntese (condensação) das ideias de um autor sem alterá-las.

Exemplo 1 - No parágrafo: Sobrenome do autor (data)

Morin (2000) afirma que todo conhecimento sobre o mundo é decorrente da interpretação de nosso cérebro acerca do universo percebido pelos sentidos, multiplicando assim os riscos de erro.

Exemplo 2: Ao final do parágrafo: (SOBRENOME DO AUTOR, data)

Todo conhecimento sobre o mundo é decorrente da interpretação de nosso cérebro acerca do universo percebido pelos sentidos, multiplicando assim os riscos de erro. (MORIN, 2000).

2.2.3 Citação de informação verbal

Para citação de dados obtidos por meio de informações verbais (palestras, debates, jornais de TV, documentários, etc.), indicar, entre parênteses, a expressão “informação verbal” no final da citação, mencionando os dados disponíveis em nota de rodapé. Citar, pelo menos, o autor da frase (cargo ou atividade), local (cidade) e data (dia, mês e ano).

Exemplo:

A empresa detém metade do mercado nacional de felpudos (informação verbal)¹.

Na nota de rodapé:

¹ José de Souza, Diretor Presidente da ZZZ, em palestra proferida na ASSEVIM, em Brusque, no dia 25 de abril de 2003.

Para as informações que forem passadas por meio de entrevista, o pesquisador deve solicitar uma autorização do entrevistado para citar seu nome em nota de rodapé e nas referências; caso contrário, o pesquisador indica em rodapé uma informação genérica para o leitor.

2.3 INDICAÇÃO DOS AUTORES NA CITAÇÃO

2.3.1 Citação de trabalhos de **um autor**:

Para Votre (1994, p. 75), “As formas de prestígio ocorrem mais em textos mais formais, mais nobres, entre interlocutores que ocupam posições mais elevadas na escala social.”

ou

“As formas de prestígio ocorrem mais em textos mais formais, mais nobres, entre interlocutores que ocupam posições mais elevadas na escala social.” (VOTRE, 1994, p. 75).

2.3.2 Citação de trabalhos de **dois autores**:

Lakatos e Marconi (2001, p. 68) afirmam que “O resumo é a apresentação concisa [...] do texto, destacando-se os elementos de maior interesse e importância [...] da obra.”

ou

“O resumo é a apresentação concisa [...] do texto, destacando-se os elementos de maior interesse e importância [...] da obra.” (LAKATOS; MARCONI, 2001, p. 68).

2.3.3 Citação de trabalhos de **três autores**:

Conforme Bagno, Gagne e Stubbs (2002, p. 73, grifo dos autores), “O ‘erro’ lingüístico, do ponto de vista sociológico e antropológico, se baseia, portanto, numa avaliação negativa que nada tem de lingüística [...]”

ou

“O ‘erro’ lingüístico, do ponto de vista sociológico e antropológico, se baseia, portanto, numa avaliação negativa que nada tem de lingüística [...]” (BAGNO; GAGNE; STUBBS, 2002, p. 73, grifo dos autores).

2.3.4 Citação de trabalhos de **mais de três autores**:

Ashley et al. (2003, p. 3) afirmam que “O mundo atual vê, na responsabilidade social, uma nova estratégia para aumentar seu lucro e potencializar seu desenvolvimento.”

ou

“O mundo atual vê, na responsabilidade social, uma nova estratégia para aumentar seu lucro e potencializar seu desenvolvimento.” (ASHLEY et al., 2003, p. 3).

Importante

Quando houver coincidência de sobrenomes de autores, acrescentam-se as iniciais de seus prenomes. No caso de persistência de coincidência, colocam-se os prenomes por extenso, até que a coincidência seja desfeita.

Struve, O	Struve, Friedrich
Struve, O	Struve, Friedrich
Struve, F	Struve, Otto W.
Struve, F	Struve, Otto
Struve, Otto	Struve, Friedrich G.
Struve, Otto	Struve, Friedrich A.

As citações indiretas de diversos documentos da mesma autoria, publicados em anos diferentes e mencionados simultaneamente, possuem as suas datas separadas por vírgula.

Exemplo

De acordo com Struve (1996, 2002), uma crença e uma atividade religiosa/espiritual ativa tem um efeito curativo significativo pela mudança de atitudes específicas e alterações de comportamento, baseados principalmente em uma convicção espiritual.

As citações de diversos documentos de um mesmo autor, publicados num mesmo ano, são diferenciadas pelo acréscimo de letras minúsculas, em ordem alfabética, após a data e sem espaçamento, conforme a lista de referências.

Exemplo

Estudos epidemiológicos analisando as possíveis rotas de transmissão de hepatite aguda verificaram que a transmissão por via sexual é a principal rota de contaminação, mostrando-se, inclusive, muito mais comum que o uso de droga intravenosa. (STRUVE et al., 1992, 1995a, 1995b, 1996a, 1996b, 1996c).

“As citações indiretas de diversos documentos de vários autores, mencionados simultaneamente, devem ser separadas por ponto-e-vírgula, em ordem alfabética.” (ABNT, 2002, p. 3).

Exemplo

A função de Struve $H_1(z)$ mostrou-se a ferramenta mais eficiente para modelar o alcance da frequência auditiva de baixa intensidade no cálculo da impedância acústica. (AARTS; JANSSEN, 2003; BOISVERT; VAN BUREN, 2002; KEEFE; LING; BULEN, 1992; KRUCKLER et al., 2000; WITTMANN; YAGHJIAN, 1991).

2.4 ABREVIATURAS DE EXPRESSÕES LATINAS

As expressões latinas, abreviadas ou não, utilizadas para as subseqüentes citações do mesmo autor e/ou da mesma obra, devem ser usadas na página ou na folha onde aparece a citação a que se referem. Únicas expressões latinas usadas no texto, no caso do Sistema Autor-Data:

Apud = citado por, conforme, segundo

Et al. ou et alii = e outros

Algumas expressões latinas usadas somente em notas de rodapé, no caso do Sistema Numérico:

Cf. = confira, confronte

Ex.: Cf. ANTUNES, 2005.

Ibid. ou Ibidem = mesma obra

Ex.: SOLOMON, 2006, p. 21.

Ibid., 2005, p. 190.

Id. ou Idem = mesmo autor; igual a anterior

Ex.: NAVEGA, 2005, p. 7.

Id., 2005, p. 20.

Loc. cit. ou loco citato = no lugar citado

Ex.: ALVES; MATTAR, 1997, p. 52-59.

ALVES; MATTAR, 1997, loc. cit.

Op. cit. ou opus citatum ou opere citato = na obra citada

Ex.: SANTOS, 1996, p. 42.

SILVA, 1990, p. 20-24.

SANTOS, op. cit., p. 19.

Passim = aqui e ali; em vários trechos ou passagens

Ex.: MOTTA, 1991, passim.

Et seq. ou sequentia = seguinte ou que se segue

Ex.: SILVA, 2003, p. 30 et seq.

E.g. ou exempli gratia = por exemplo

Sic = assim.

2.5 EXERCÍCIOS SOBRE CITAÇÕES I

1) De acordo com a NBR 10520 (2002), caracterize as citações a seguir:

1.1. O contrato de seguro de vida, seguindo a definição da FUNENSEG (1998, p.17), pode ser:

Em linhas gerais, denomina-se contrato de seguro de vida aquele em que a duração da vida humana serve de base para o cálculo do prêmio devido ao segurador, para que este se obrigue a pagar uma indenização em forma de um capital ou uma renda determinada ao beneficiário, por morte do segurado, podendo estipular-se [...] que esta indenização seja paga ao próprio segurado, ou a terceiro, se aquele sobreviver ao prazo do contrato.

☐ citação da citação ☐ longa ☐ curta ☐ destaque
☐ omissão ☐ indireta

1.2. Segundo Gonçalves (2005, p. 02, grifo nosso), "As seguradoras são as operadoras da política traçada pelo CNSP e receptores das consequências essa política. tem como principal atribuição: **administrar eficientemente o seguro**, de acordo com as diretrizes do CNSP."

☐ citação da citação ☐ longa ☐ curta ☐ destaque
☐ omissão ☐ indireta

1.3. De acordo com Becker (1993, p. 37), na "[...] ausência de reflexão epistemológica o professor acaba assumindo noções de senso comum", pois a noção de conhecimento entre os professores pode ser vaga ou, às vezes, estes tem dificuldade de responder o que entendem por conhecimento.

☐ citação da citação ☐ longa ☐ curta ☐ destaque
☐ omissão ☐ indireta

1.4. Hoje, equipados com novas ferramentas e novos conceitos, essas disciplinas, com um novo quadro de pensadores, denominados 'cientistas cognitivos', investigam muitas das questões que já preocupavam os gregos há aproximadamente 2500 anos. Esta ideia é reforçada por Gardner (1996, p.18) que argumenta:

Assim como seus antigos colegas, os cientistas cognitivos de hoje perguntam o que significa conhecer algo e ter crenças precisas, ou ser ignorante ou estar errado. Eles procuram entender o que é conhecido - os objetos e sujeitos do mundo externo - e as pessoas que conhece - seu aparelho perceptivo, mecanismo de aprendizagem, memória e racionalidade. Eles investigam as fontes do conhecimento: de onde vem, como é armazenado e recuperado, como ele pode ser perdido? Eles estão curiosos com a diferença entre indivíduos: quem aprende cedo ou com dificuldade: o que poder ser conhecido pela criança, pelo cidadão de uma sociedade não letrada, por um indivíduo que sofreu lesão cerebral, ou por um cientista maduro?

☐ citação da citação ☐ longa ☐ curta ☐ destaque
☐ omissão ☐ indireta

1.5. Desta forma, a razão não tem a função de conhecer, mas a de regular e controlar a sensibilidade e o entendimento. Assim, a razão é inata e universal e esta organiza, formula e reformula as ideias. Neste sentido, afirma Kant (apud REALE, 1990, p. 882):

Nenhuma das nossas duas faculdades deve ser anteposta à outra. Sem a sensibilidade, nenhum objeto seria pensado. Sem conteúdo, os pensamentos são vazios; sem conceitos, as intuições são cegas [...]. Essas duas faculdades ou capacidades não podem ter suas funções trocadas. O intelecto não pode intuir nada, nem os sentidos podem pensar nada. O conhecimento só pode brotar dessa união.

☐ citação da citação ☐ longa ☐ curta ☐ destaque
☐ omissão ☐ indireta

1.6. Entre os traços comuns do positivismo, está o fato de que este, segundo Reale (1990, p. 297), "[...] reivindica o primado da ciência: nós conhecemos somente aquilo que as ciências nos dão a conhecer, pois o último método de conhecimento é o das ciências naturais."

☐ citação da citação ☐ longa ☐ curta ☐ destaque
☐ omissão ☐ indireta

1.7. Muitas teorias buscam oferecer as melhores explicações da cognição e o seu funcionamento, mas deixam em aberto algumas questões. Vejamos alguns exemplos, como diz Teixeira (2000, p.16):

Eu posso fechar meus olhos e, numa fração de segundos, pensar em estrelas coloridas cintilando num céu azul-escuro. Estrelas que nem sequer sei se existem, e que talvez estejam a muitos anos-luz de distância. Eu posso imaginar uma vaca amarela ou então dizer que estou a sentir muito calor. Entretanto, se alguém pudesse abrir o meu cérebro e examiná-lo com o mais aperfeiçoado instrumento de observação de que a ciência dispõe, não veria estrelas coloridas nem uma vaca amarela. Veria apenas uma massa cinzenta, cheia de células ligadas entre si.

☐ citação da citação ☐ longa ☐ curta ☐ destaque
☐ omissão ☐ indireta

1.8. O ser humano é portador de um cérebro, no qual os neurônios são formados no primeiro ano de vida. (FIALHO, 2001).

☐ citação da citação ☐ longa ☐ curta ☐ destaque
☐ omissão ☐ indireta

1.9. Paraíso (2004) aponta alguns temas que permeiam as pesquisas pós-críticas em Educação no Brasil, as quais tem como opção as explicações e as narrativas parciais, pelo local e pelo particular, não se preocupam com comprovações daquilo que já foi sistematizado na Educação, não se interessam, também, por modos de ensinar, formas de avaliar ou por conhecimentos legítimos, a não ser para problematizar essas comprovações, esses modos, essas formas de conhecimento.

☐ citação da citação ☐ longa ☐ curta ☐ destaque
☐ omissão ☐ indireta

1.10.

Como consequência de seus interesses, as pesquisas pós-críticas em Educação no Brasil tem questionado o conhecimento (e seus efeitos de verdade e de poder), o sujeito (e os diferentes modos e processos de subjetivação), os textos educacionais (e as diferentes práticas que estes produzem e instituem). Tais pesquisas tem problematizado as promessas modernas de liberdade, conscientização, justiça, cidadania e democracia, tão difundidas pelas pedagogias críticas brasileiras, abdicado da exclusividade da categoria classe social e discutido, também, questões de gênero, etnia, raça, sexualidade, idade. tem discutido questões dos tempos e espaços educacionais, mostrando os processos de feitura da escola moderna, bem como pensado, de diferentes formas, a diferença, a identidade e a luta por representação. tem aberto mão da função de prescrever, de dizer aos outros como devem ser, fazer e agir. (PARAISO, 2004, p. 287).

☐ citação da citação ☐ longa ☐ curta ☐ destaque
☐ omissão ☐ indireta

2.6 EXERCÍCIOS SOBRE CITAÇÕES II

2. De acordo com a NBR 10520 (2002), corrija os erros das citações (se houver).

2.1. O contrato de seguro de vida, seguindo a definição da FUNENSEG (1998, p.17), pode ser:

“Em linhas gerais, denomina-se contrato de seguro de vida aquele em que a duração da vida humana serve de base para o cálculo do prêmio devido ao segurador, para que este se obrigue a pagar uma indenização em forma de um capital ou uma renda determinada ao beneficiário, por morte do segurado, podendo estipular-se (...) que esta indenização seja paga ao próprio segurado, ou a terceiro, se aquele sobreviver ao prazo do contrato.”

R:

2.2. Segundo Gonçalves (2005, p. 02), “As seguradoras são as operadoras da política traçada pelo CNSP e receptoras das consequências dessa política. tem como principal atribuição: **administrar eficientemente o seguro**, de acordo com as diretrizes do CNSP.” (grifo nosso)

R:

2.3. A história da literatura tem relativamente poucos capítulos. Começa a delinear-se no início do século XVIII, quando a criança passa a ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial que a preparasse para a vida adulta. (Cunha, 1997, p. 22).

R:

2.4. O seguro de vida responde por 57% do volume total de prêmios do mercado mundial. Neste mesmo ano, o Brasil ocupou a posição de **25º lugar**, ficando em valores de US\$ 6.306 no segmento Vida. (INFORME FENASEG, p. 47).

R:

2.5. Grajew (1999 apud DUARTE e TORRES, 2004) afirma que a responsabilidade social trata-se “... da relação ética, da relação socialmente responsável da empresa em todas as suas ações, em todas as suas políticas, em todas as suas práticas, em todas as suas relações, sejam elas com o seu público interno ou externo.”

R:

2.6. De acordo com a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento CMMD (apud RUSCHMANN e WIDMER, 2001, p. 51), o “Desenvolvimento sustentável é um processo de transformações no qual a exploração dos recursos, a direção dos investimentos, a orientação da evolução tecnológica e a mudança institucional se harmonizam e reforçam o potencial presente e futuro, a fim de atender às necessidades e aspirações humanas.”

R:

2.7. Segundo Fernandes (2004), “Responsabilidade Social trata-se de um processo dinâmico que se reflete no nosso meio social, no qual se cruzam diversos fatores de ordem econômica, política e cultural [...]”

R:

2.8

“Turismo é o conjunto de viagens que tem por objetivo o prazer ou motivos comerciais, profissionais ou outros análogos, durante os quais é temporária sua ausência da residência habitual. As viagens realizadas para locomover-se ao local de trabalho não constituem em turismo.” (BROMANN apud Andrade e Brito e Jorge, 2000, p.35).

R:

2.9. “A cultura não é pensada como algo pronto, um sistema estático ao qual o indivíduo se submete, mas como uma espécie de palco de negociações, em que seus membros estão num constante movimento de **recriação e reinterpretação** de informações conceitos e significados.” (VIGOTSKY APUD OLIVEIRA, p. 38, GRIFO DO AUTOR).

R:

2.10. Desde a origem da Filosofia, as teorias formuladas sobre a natureza do conhecimento, de maneira explícita ou implícita, fizeram parte da Educação, pois, como diz Dutra, 2000 (p. 21), “Os pensadores do período clássico, como Platão e Aristóteles, formularam as doutrinas sobre a natureza do conhecimento (...) e tais doutrinas tinham, obviamente, consequências para a educação.”

R:

2.11. As concepções de conhecimento no âmbito educativo adquiriram uma variedade de sentidos e que todos que se dedicam à Educação tem as suas interpretações:

“Toda educadora e todo educador tem uma interpretação do Conhecimento: o que é, de onde vem e como chegar até ele. Ora, a interpretação nem sempre é consciente e reflexiva e, no mais das vezes, é adotada sem uma percepção muito clara de suas fontes e suas consequências. Cortela (1998, p.55).”

R:

2.12. De acordo com Oliveira (1999, p.52):

“à medida, porém, em que a ciência cognitiva se apossa da problemática da epistemologia tradicional, o que sobra para esta? A decorrência mais óbvia, pelo menos primeira vista, é de que, despossuída de seus problemas – que constituem, naturalmente, sua razão de ser – a epistemologia tradicional desapareça, suma do mapa das áreas do conhecimento, cedendo seu espaço para a ciência cognitiva.”

R:

2.13. Em Platão, de acordo com Andery, Micheletto e Sérgio (1996, p.67), a obtenção de conhecimento e a sua transmissão não era tarefa para todos os homens, mas apenas daqueles que, por natureza (por sua alma), tinham condições para tanto.

R:

2.7 EXERCÍCIO

1. Em forma de texto, faça exemplos das seguintes citações:

1.1. Citação curta com autor no final e omissão.

1.2. Citação curta com autor no início e destaque.

1.3. Citação longa com autor no fim e destaque.

1.4. Citação longa com autor no início e omissão.

1.5. Citação da citação com autores no início.

1.6. Citação da citação com autores no fim.

1.7. Citação indireta no início.

1.8. Citação indireta com dois autores (no início ou final).

1.9. Citação curta ou longa com dois autores.

1.10. Citação de citação.

This image shows a single page of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are approximately 20 lines visible. The top and bottom corners of the paper are rounded. The paper appears to be part of a notebook or a binder, as there's a slight shadow on the left edge suggesting it's bound. The overall appearance is clean and unused.

3 ARTIGO CIENTÍFICO

O formato de trabalho científico escolhido pelo Instituto Catarinense de Pós-Graduação (ICPG) para apresentação como trabalho de conclusão de curso para seus alunos de Pós-Graduação **Lato sensu** (especialização) é o Artigo Científico. O objetivo principal do artigo, além de representar o trabalho final do aluno para a obtenção do título de especialista, tendo em vista a possível publicação na Revista Leonardo Pós, é promover a divulgação científica e ideias inovadoras. Promove, também, a reflexão sobre novas abordagens acerca de variados temas, como, por exemplo: particularidades locais ou regionais em um assunto, a existência de aspectos ainda não explorados em alguma pesquisa, a necessidade de esclarecer uma questão ainda não resolvida, entre outros. A principal característica do artigo científico é que as suas afirmações devem basear-se em evidências, sejam estas oriundas de pesquisa de campo ou comprovadas por outros autores em seus trabalhos. Isso não significa que o autor não possa expressar suas opiniões no artigo, mas que deve demonstrar para o leitor qual o processo lógico que o levou a adotar aquela opinião e quais evidências a tornariam mais ou menos provável, formulando hipóteses e/ou suas questões de estudo.

3.1 ORGANIZAÇÃO, FORMATO E APRESENTAÇÃO DO ARTIGO

3.1.1 Organização do texto técnico-científico

Da mesma forma como se faz o fichamento e o esquema na leitura técnica, elabora-se o planejamento ou esquema (esqueleto) do texto técnico. A organização coerente desse plano de conteúdos deve respeitar os objetivos do trabalho, a ordenação do tema e a hierarquização dos assuntos que serão tratados.

“A redação inicia-se pela ‘limpeza’ (seleção) dos dados; segue-se a organização dos blocos de ideias; faz-se a hierarquização das ideias importantes. Agora as informações estão prontas para serem redigidas.” (SANTOS, 2000, p. 91).

O Quadro 2 apresenta um exemplo da organização, formato e apresentação do artigo científico.

EXEMPLO

TÍTULO DO ARTIGO

Subtítulo

Nome do Autor

Nome do Co-autor

Resumo

Palavras-chave:

1 INTRODUÇÃO

2 ESTRATÉGIAS PARA IDENTIFICAR O PERFIL DO CANDIDATO

2.1 ENTREVISTA

2.2 TESTES

2.2.1 Avaliação da entrevista

2.2.2 Avaliação dos testes

2.2.2.1 Discutindo os resultados

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

4 REFERÊNCIAS

Quadro 2 - Exemplo da organização, formato e apresentação do artigo científico

Fonte: Os autores (2007).

3.1.1.1 Elementos da estrutura do artigo científico

a) Título:

“Palavra, expressão ou frase que designa o assunto ou o conteúdo de um documento.” (ABNT, NBR 6023, 2002, p. 2).

b) Subtítulo:

“Informações apresentadas em seguida ao título, visando esclarecê-lo ou complementá-lo, de acordo com o conteúdo do documento.” (ABNT, NBR 6023, 2002, p. 2).

c) Resumo:

Conforme a Associação Brasileira de Normas Técnicas, NBR 14724 (2005, p. 2), resumo é a “Apresentação concisa dos pontos relevantes de um texto, fornecendo visão rápida e clara do conteúdo e das conclusões do trabalho.” Ressalta o tema abordado no artigo, o objetivo e o conteúdo pesquisado, bem como a síntese das considerações finais.

É apresentado em uma sequência contínua de frases concisas, afirmativas, em um parágrafo único. Deve conter, segundo a ABNT, no caso de artigos de periódicos, entre 100 e 250 palavras. Portanto, trata-se de uma breve síntese informativa do conteúdo, descrevendo clara e concisamente os pontos mais relevantes do trabalho.

d) Palavras-chave:

São palavras que contêm a significação global do artigo. Devem-se escolher de três a seis palavras que representem o conteúdo geral do texto.

e) Introdução:

Segundo a Associação Brasileira de Normas Técnicas, NBR 14724 (2005, p. 6), a introdução é a

“A parte inicial do texto, onde devem constar a delimitação do assunto tratado, objetivos da pesquisa e outros elementos necessários para situar o tema do trabalho.”

A introdução deve anunciar a ideia central do trabalho, delimitando o ponto de vista focado em relação ao assunto e à extensão; situar o problema ou o tema abordado, no tempo e no espaço, enfocar a relevância do assunto e apresentar o objetivo central do artigo.

A finalidade da introdução é situar o leitor no tema, definindo conceitos, apresentando os objetivos do artigo e as linhas de pensamento relevantes para o estudo do assunto e as possíveis controvérsias, explicitando qual dessas linhas que o autor seguirá e justificar a escolha. Também é aconselhável que o autor, nos últimos parágrafos da introdução, apresente a estrutura do artigo, detalhando a ordem de apresentação do tema.

f) Desenvolvimento:

Conforme a Associação Brasileira de Normas Técnicas, NBR 14724 (2005, p. 6), o desenvolvimento é a

“Parte principal do texto, que contém a exposição ordenada e pormenorizada do assunto. Divide-se em seções e subseções, que variam em função da abordagem do tema e do método.”

Não existe exatamente uma norma rígida que oriente esta seção. O texto poderá conter ideias de autores, dados da pesquisa (se for pesquisa de campo, colocar gráficos e tabelas auxiliares) e interpretações. Tudo isto deve ser apresentado de forma integrada,

substancial, criativa e lógica. É nesta parte que se procura explicar as hipóteses e relacionar a teoria com a prática.

g) Considerações finais:

A Associação Brasileira de Normas Técnicas, NBR 14724 (2005, p.6), afirma que a conclusão é a “Parte final do texto, na qual se apresentam conclusões correspondentes aos objetivos ou hipóteses.” As considerações finais devem limitar-se a uma síntese da argumentação desenvolvida no corpo do trabalho e dos resultados obtidos. É importante lembrar que elas devem estar todas fundamentadas nos resultados obtidos na pesquisa. Também podem ser discutidas recomendações e sugestões para o prosseguimento no estudo do assunto. Portanto, esse item não deve trazer nada de novo e deve ser breve, enérgico, consistente e abrangente. Sugere-se, ainda, que não se utilizem citações nesta seção.

h) Referências:

“Conjunto padronizado de elementos descritivos, retirados de um documento, que permite sua identificação individual.” (ABNT, NBR 6023, 2002, p. 2).

Importante:

A numeração dos itens do corpo do texto deve, preferencialmente, seguir o modelo apresentado, com exceção de artigos relacionados a pesquisas de campo, que devem contar com outras seções de primeira ordem, tais como: material e métodos, discussão dos resultados, entre outras.

3.2 APRESENTAÇÃO DE ILUSTRAÇÕES E TABELAS

3.2.1 Formato de apresentação de elementos do texto:

a) **Ilustrações** (desenhos, fotografias, gráficos, organogramas, quadros e outros):

As ilustrações devem ser centralizadas com legenda numerada partindo de

1. O título da ilustração deve ser precedido pela palavra que a identifique (exemplo: ‘Figura’) e pelo seu respectivo número. A posição do título é centralizada e abaixo da ilustração. A Fonte ou nota

4 Sugere-se que os elementos pós-textuais Apêndices e Anexos não sejam incluídos na Revista Leonardo Pós do ICPG.

5 Idem

explicativa deve estar centralizada e abaixo da figura, em fonte Times New Roman tamanho 10:



Figura 1 – Veleiro
Fonte: Campos (1998, p. 43).

b) Fotografias devem ser tratadas como figuras:



Figura 2 - Vista parcial do ribeirão Encano,
Indaial, SC.
Fonte: Foto Rex (2003).

c) Gráficos:

Os gráficos apresentam dados numéricos em forma gráfica para melhor visualização. O mesmo procedimento de títulos deve ser adotado para os gráficos, ou seja, usar a palavra “Gráfico”, seu respectivo número e seu título. A posição do título é centralizada e abaixo do gráfico.

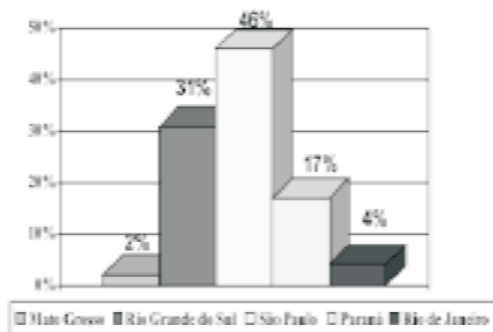


Gráfico 1 – Procedência
Fonte: Os autores, 2007.

d) Tabelas:

A legenda da tabela deve ser precedida pela palavra “Tabela” e pelo seu respectivo número. A posição do título é centralizada e acima da tabela, sendo a fonte colocada abaixo e também centralizada, de acordo com o padrão do IBGE.

Tabela 1 – Notas da Turma 2

ALUNOS	ATIVIDADE 1	ATIVIDADE 2	MÉDIA
João C. dos Santos	9	9	9
Pedro Amaral	7	8	7,5
Roberta Pereira	8	9	8,5

Fonte: Campos (1998, p. 23).

e) Notas de rodapé:

As notas de rodapé devem servir como apoio explicativo e devem ficar sempre no pé da página. Sempre que possível, inserir a informação no corpo do trabalho, pois as notas tendem a quebrar a fluidez do texto. A nota deverá separar-se do resto do texto por uma linha. As notas, a exemplo das figuras, também devem ser numeradas partindo de 1. Sugere-se utilizar o recurso de notas do próprio editor para inserir notas de rodapé no texto (comando: Inserir Notas). O próprio editor administrará a numeração. A posição do texto da nota no pé da página deve ser alinhada à esquerda.

f) Palavras estrangeiras:

Deve-se, sempre que possível, evitar o estrangeirismo. Se for inevitável utilizar termos em língua estrangeira, estes deverão ser escritos usando o modo itálico. Ex.: *feedback*.

3.3 FORMATO DE APRESENTAÇÃO DO ARTIGO

a) Papel e organização do texto:

O artigo deve ser escrito utilizando papel A4, com margem superior e inferior de 2 cm. A margem esquerda deve ser de 3 cm e a margem direita de 2 cm. Todas as páginas são contadas, mas a numeração inicia-se apenas na segunda. O número da página deve estar no canto superior da margem direita.

b) Editoração:

O artigo deve ser elaborado em editor de textos (preferencialmente *Microsoft Word*). Deve ser entregue em formato eletrônico em um único arquivo no formato *Word for Windows*, em dois disquetes ou um CD e uma cópia impressa em papel A4 branco.

c) Ordem dos tópicos do artigo:

Título do trabalho: No topo da página, em maiúsculas, centralizado, fonte *Times New Roman*, tamanho 18 e negrito. Após o título, se não houver subtítulo, deixar duas linhas em branco em fonte tamanho 12. Subtítulo: Opcional, logo abaixo do título, sem espaçamento, fonte *Times New Roman*, tamanho 16 e negrito. Usar maiúsculas e minúsculas seguindo a regra da língua portuguesa.

Autoria: Abaixo do título, centralizado, fonte *Times New Roman*, tamanho 12, em linhas distintas, deve estar o nome do autor e, debaixo deste, igualmente, o nome do co-autor (no caso, o orientador, não sendo necessário escrever nada ao lado do seu nome). O nome do (s) autor (es) deve (m) estar em negrito; as demais linhas não. Após a identificação do (s) autor (es), deixar uma linha em branco.

Resumo: Após os nomes dos autores, escrever “Resumo” em fonte *Times New Roman*, tamanho 12, negrito e com alinhamento à esquerda. Deixar uma linha em branco. O resumo deve ser um (1) parágrafo de, no máximo, 15 linhas ou 250 palavras, sem recuo na primeira linha. Usar espaçamento simples, justificado, fonte *Times New Roman*, tamanho 12 e itálico. Deixar 2 linhas em branco após o resumo.

Palavras-chave: Após o resumo, escrever “Palavras-chave:” em fonte *Times New Roman*, tamanho 12, negrito e com alinhamento à esquerda. As palavras-chave devem ser separadas entre si, finalizadas por ponto e iniciadas com letras maiúsculas. Em seguida, listar de 3 a 6 palavras-chave que identifiquem a área do artigo e sintetizem sua temática. As palavras escolhidas devem priorizar a abordagem geral do tema e, na medida do possível, usar grandes áreas do conhecimento. Se o artigo for sobre avaliação de um software educacional, por exemplo, algumas opções de palavras que identificam o conteúdo do artigo podem ser: “Software educacional. Educação. Informática.” Deixar 2 linhas em branco após as palavras-chave.

Texto principal: Deve ser subdividido, no mínimo, em “1 INTRODUÇÃO”, “2 DESENVOLVIMENTO” e “3 CONSIDERAÇÕES FINAIS”. O texto deve ser escrito em fonte *Times New Roman*, tamanho 12. O espaçamento entre as linhas deve ser simples. O alinhamento do texto deve ser justificado. O início de cada parágrafo deve ser precedido por um toque de tabulação (Tab.) ou 1,25cm. Deve haver uma linha em branco entre os parágrafos.

Referências: As referências devem ser colocadas em ordem alfabética e de acordo com as normas técnicas especificadas. Em território brasileiro, utiliza-se a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) para normatizar as referências apontadas durante o trabalho.

d) Títulos das seções:

Os títulos de Primeira Ordem das seções (por exemplo, **1 INTRODUÇÃO**) precisam ser numerados e escritos em letras maiúsculas, tamanho de fonte 12 e negrito, com alinhamento à esquerda. Deve-se deixar uma linha em branco após um título de Primeira Ordem.

Os títulos de Segunda Ordem das seções (por exemplo, 1.1 FORMATAÇÃO DO PAPEL) precisam ser numerados e escritos também com tamanho de fonte 12, sem negrito e com alinhamento à esquerda. No entanto, as letras devem ser em maiúsculas. Deve-se deixar uma linha em branco após um título de seção de Segunda Ordem.

e) Procedimentos para entrega:

O artigo, após ser aprovado pelo orientador, deve ser entregue na secretaria do ICPG em **dois disquetes** ou um **CD** (em único arquivo e formato *Word for Windows*) e **impresso** (uma cópia em papel A4 branco). É necessário, também, o envio do termo de aprovação do professor orientador, autorizando que o aluno faça a entrega do artigo no ICPG, pois a Secretaria só entenderá o artigo como finalizado depois que o professor orientador enviar o termo de aprovação.

4 REFERÊNCIAS ABNT

A Associação Brasileira de Normas Técnicas (2002, p. 1), por meio da NBR 6023/2002, que entrou em vigor em 29 de setembro de 2002,

“[...] fixa a ordem dos elementos das referências e estabelece convenções para transcrição e apresentação de informação originada do documento e/ou outras fontes de informação.”

a. LIVROS

1. Elementos Essenciais

AUTOR: Último sobrenome em maiúscula seguido dos prenomes apenas iniciados por maiúsculas.

Exceções: nomes espanhóis, que entram pelo penúltimo sobrenome; dois sobrenomes ligados por traço de união, que são grafados juntos; sobrenomes que indicam parentesco, como Júnior, Filho e Neto, acompanham o último sobrenome.

Título: Em negrito, sublinhado ou itálico.

Subtítulo: se houver, separado do título por dois pontos, sem grifo.

Edição: Indica-se o número da edição, a partir da segunda, seguido de ponto e da palavra edição (ed.) no idioma da publicação. Não se anota quando for a primeira edição; as demais devem ser anotadas. Assim: 2. ed., 3. ed. etc.

Os meses abreviam-se pelas três primeiras letras, com exceção de maio. Assim: jan., fev., mar., abr., maio, jun. etc.

Local da publicação: quando há mais de uma cidade, indica-se a primeira mencionada na publicação, seguida de dois pontos.

Editora: apenas o nome que a identifique, seguida de vírgula.

Data: Ano de publicação.

2. Livros no Todo

SOBRENOME DO AUTOR, Prenome. **Título:** subtítulo (se houver). Número da edição. Cidade: Editora, ano.

Exemplos:

a) Livro com um autor

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico.** São Paulo: Atlas, 2000.

b) Livro com subtítulo

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica:** teoria da ciência e prática da pesquisa. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

c) Livro com autor espanhol

GARCIA LORCA, Federico. **Obra poética completa.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

d) Livro com autor com sobrenome separado por traço

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Signos.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

e) Livro com sobrenome indicando parentesco

ASSAF NETO, Alexandre. **Estrutura e análise de balanços.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

f) Livro com sobrenome iniciado com prefixos

McDONALD, Ralf. **Engenharia de programas.** 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1987. / O'DONNELL, Ken. **Caminhos para uma consciência mais elevada.** 2. ed. São Paulo: Gente, 1996.

g) Livro integrado com coleção ou série

RESS, G. J. G. **Câncer.** São Paulo: Três, 2002. (Guia da saúde familiar, 11).

h) Livro com dois autores

MARTINS, P. G.; LAUGENI, F. P. **Administração da produção.** São Paulo: Saraiva, 1999.

i) Livro com três autores

TAFNER, Malcon Anderson; TAFNER, José; FISCHER, Julianne. **Metodologia do trabalho acadêmico.** Curitiba: Juruá, 2000.

j) Livro com mais de três autores

SLACK, Nigel et al. **Administração da produção**. São Paulo: Atlas, 1999.

k) Livro com organizador (Org.), Coordenador (Coord.) ou Editor (Ed.)

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

l) Livro cujo autor é uma entidade. Quando uma entidade coletiva assume integral responsabilidade por um trabalho, ela é tratada como autor.

LIONS CLUBE INTERNACIONAL. **A formação do líder no novo milênio**. São Paulo: CNG, 2001.

CENTRO DE ORGANIZAÇÃO DA MEMÓRIA SÓCIO-CULTURAL DO OESTE. **Para uma história do oeste catarinense: 10 anos de CEOM**. Chapecó: UNOESC, 1995.

3. Livros Considerados em Parte

a) Autor do capítulo é o mesmo da obra

SOBRENOME DO AUTOR DA PARTE REFERENCIADA, Prenomes. Título da parte referenciada. In: _____. **Título do livro**. Local: Editora, ano. Página inicial e final.

HIRANO, Sedi. (org.). Projeto de estudo e plano de pesquisa. In: _____. **Pesquisa social: projeto e planejamento**. São Paulo: TAQ, 1979, p. 22-30.

b) Autor do capítulo não é o mesmo da obra

SOBRENOME DO AUTOR DA PARTE REFERENCIADA, Prenome. Título da parte referenciada. In: SOBRENOME DO AUTOR OU ORGANIZADOR, Prenomes. (Org.). **Título do livro**. Local: editora, ano. Páginas inicial e final.

ABRAMO, Perseu. Pesquisa em ciências sociais. In: HIRANO, Sedi (Org.). **Pesquisa social: projeto e planejamento**. São Paulo: TAQ, 1979, p. 69-76.

RISTOFF, D. I. Privatização não faz escola. In: TRINDADE, Héliogio (Org.). **Universidade em ruínas: na república dos professores**. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 57-60.

b. TESES, DISSERTAÇÕES E TRABALHOS ACADÊMICOS

SOBRENOME DO AUTOR, Prenomes. **Título**. Ano. Tese, dissertação ou trabalho acadêmico (grau e área) - Unidade de Ensino, Instituição, Local: Data.

SILVA, Everaldo. **A atuação do movimento sindical frente ao processo de falência: os casos dos Sindicatos dos Mineiros/Criciúma e Trabalhadores Têxteis/Blumenau**. 2005. 170f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) - Centro de Ciências Humanas e da Comunicação, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2005.

SILVA, Renata. **O turismo religioso e as transformações sócio-culturais, econômicas e ambientais em Nova Trento - SC**. 2004. 190f. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria) - Centro de Educação Balneário Camboriú, Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú, 2004.

TAFNER, Elisabeth Penzlien. **As formas verbais de futuridade em sessões plenárias: uma abordagem sociofuncionalista**. 2004. 188f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

c. ENCICLOPÉDIAS

NOME DA ENCICLOPÉDIA. Local da publicação: Editora, ano.

ENCICLOPÉDIA BARSA. São Paulo: Vozes, 2002.

d. **RELATÓRIO**

NOME DA INSTITUIÇÃO. **Título do relatório.**
Local da publicação, ano.

CONGRESSO NACIONAL. **Relatório da comissão de orçamento.** Brasília, 2002.

e. **JORNAL**

Jornal no Todo
NOME DO JORNAL. Cidade, data.

DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 17 maio 2002.

Artigo de Jornal

a) com autor definido

SOBRENOME DO AUTOR DO ARTIGO, Prenomes.
Título do artigo. **Título do jornal**, Cidade, data (dia, mês, ano). Suplemento, número da página, coluna.

BOCK, Daniel. A crise cambial. **Jornal de Santa Catarina**, Blumenau, 17 jun. 2002. Folha Empresa, Caderno 2, p. 12.

SILVA, I. G. Pena de morte para o nascituro. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 19 set. 1998. Disponível em: <<http://www.providafamilia.org/pena-mortenascituro.htm>>. Acesso em: 19 set. 1998.

b) sem autor definido

TÍTULO do artigo (apenas a primeira palavra em maiúscula). **Título do jornal**, cidade, data (dia, mês, ano). Suplemento, número da página, coluna.

ARRANJO Tributário. **Diário do Nordeste on-line**, Fortaleza, 27 nov. 1998. Disponível em: <<http://diarionordeste.com.br>>. Acesso em: 28 nov. 1998.

f. **REVISTA**

Revista no Todo

NOME DA REVISTA. Local de publicação: editora (se não constar no título), número do volume (v. ____), número do exemplar (n. ____), mês. Ano. ISSN.

TRENTINI NEL MONDO. Trento: Associazione trentini nel mondo, v. 45, n.7, jul. 2002. ISSN 0048-0536.

Coleção de Revistas no Todo

TÍTULO DO PERIÓDICO. Local de publicação: editora, data (ano) do primeiro volume e, se a publicação cessou, também do último. Periodicidade. Número do ISSN (se disponível).

REVISTA BRASILEIRA DE MEDICINA. São Paulo: Associação Paulista de Medicina, 1952 – Mensal. ISSN 0035-0362.

REVISTA BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA. São Paulo: USP, 1986, 29 v. Anual.

Artigo de Revista

a) Com autor definido

SOBRENOME DO AUTOR DO ARTIGO, Prenomes.
Título do artigo. **Título da revista**, Local da publicação, número do volume, número do fascículo, páginas inicial-final do artigo, mês. Ano.

CHASE, Richard; DASU, Sriram. Você sabe o que seu cliente está sentindo? **Exame**, São Paulo, v. 35, n. 15, p. 89-96, jul. 2001.

b) Sem autor definido

TÍTULO do artigo (apenas a primeira palavra em maiúscula). **Título da revista**, local da publicação, número do volume, número do fascículo, página inicial-final do artigo, mês. Ano.

21 ideias para o século 21. **Você S.A.**, São Paulo, v. 2, n. 18, p. 34-53, dez. 1999.

g. TRABALHOS ACADÊMICOS

AUTOR. Título. (Disciplina. Curso ou Departamento). Número de páginas. Cidade. Instituição de Ensino, ano.

MELLO, Carlos. **Metodologia da Pesquisa**. Departamento do Curso de Recursos Humanos. 15p. Guaramirim. FAMEG, 2002.

Observações:

- Quando a editora não puder ser identificada, deve-se indicar a expressão *sine nomine*, abreviada e entre colchetes [s.n.];
- Quando o local de publicação não for identificado, deve-se indicar a expressão *sine loco* abreviada e entre colchetes [s.l.];
- Quando o local e a editora não aparecem na publicação, indica-se entre colchetes [S.l.: s.n.];
- Quando o local, a editora e a data não forem identificadas, indica-se entre colchetes [s.n.t.] (sem notas tipográficas).

h. ANAIS

NOME DO EVENTO, Número do evento, ano de realização. Local. Título. Local: Editora, ano de publicação. Número de páginas ou volume.

ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO. IX ENDIPE, 04 a 08 de maio de 1998. Águas de Lindóia. **Olhando a qualidade do ensino a partir da sala de aula**. São Paulo: Vozes, 1998. 2v.

i. PROGRAMA DE TELEVISÃO E RÁDIO

TEMA. Nome do programa, cidade: **nome da emissora de TV ou de rádio**, data da apresentação do programa. Nota especificando o tipo de programa (rádio ou TV).

PESCA. Globo Rural, Rio de Janeiro: **Rede Globo**, 15 maio 2002. Programa de TV.

j. ENTREVISTAS

Entrevistas não Publicadas

SOBRENOME DO ENTREVISTADO, Prenome. **Título**. Local, data (dia, mês, ano).

SUASSUNA, Ariano. **Entrevista concedida a Marco Antônio Struve**. Recife, 13 set. 2002.

Obs.: No título, omite-se o nome do entrevistador quando ele é o autor do trabalho. Quando a entrevista é concedida em função do cargo ocupado pelo entrevistado, acrescentam-se o cargo, a instituição e o local ao título.

TAFNER, José. **Entrevista concedida pelo Presidente da Associação Educacional Leonardo da Vinci - ASSELVI**, Indaial, 4 abr. 2002.

Obs.: As entrevistas, para serem publicadas em trabalhos científicos, devem ser sempre autorizadas pelos entrevistados. Assim, caso a pessoa não queira que seu nome seja divulgado, o pesquisador deve citar ao longo do texto indicações de sua atividade e referenciar apenas a entrevista, o local e a data.

Exemplo no texto:

Segundo o Supervisor de Área de uma empresa de Itajaí, a produtividade vem crescendo significativamente. Em entrevista, ele afirmou que o mercado exige mais do que qualidade: variedade e inovação. (informação verbal)².

Exemplo na referência:

SUPERVISOR de Área. Entrevista concedida em Itajaí – SC, 07 abr. 2004. [Entrevistas Publicadas]

SOBRENOME DO ENTREVISTADO, Prenomes. **Título da entrevista**. Referência da publicação (livro ou periódico). Nota da entrevista.

LISTWIN, Donald. Você sabe usar o mouse? **Você S.A.**, v. 2, n. 18, p. 100-103, dez. 1999. Entrevista concedida a Laura Somoggi e Mikhail Lopes.

² Supervisor da área de uma empresa de Itajaí/SC, em entrevista concedida no dia 07 de abril de 2004.

k. PALESTRA OU CONFERÊNCIA

AUTOR. **Título do trabalho.** Palestra, Local, Data (dia mês. Ano).

SANTOS, Paulo. **História.** Palestra proferida no I Seminário de Estudos de História, Brusque/SC, 07 de abril de 2008.

l. CORRESPONDÊNCIAS (CARTAS, BILHETES ETC.)

Remetente. [Tipo de correspondência] data, local de emissão [para] Destinatário. Local a que se destina. n. de páginas. Assunto em forma de nota.

BOCK, Daniel. [telegrama] 14 dez. 2001, São Paulo [para] Douglas Reck, Santa Catarina. 1p. Solicita informação sobre Florianópolis.

m. DISCOS

AUTORIA (compositor). **Título.** Local: gravadora, ano. Número de discos (tempo de gravação em minutos, número de canais sonoros. Número do disco).

SATLER, Almir. **Tocando em frente.** São Paulo: Abril Music, 1998. 1 disco (10 min.). Estéreo. 28 A 04356430.

n. VÍDEO

TÍTULO. Direção. Roteiro. Intérpretes. Local: Distribuidora, ano. Unidades físicas (duração em minutos): som (legendado ou dublado) cor, largura da fita em milímetros. Sistema de gravação.

ÓPERA do malandro. Direção de Ruy Guerra. Rio de Janeiro: Globo Vídeo, 1985. 1 cassete (120min) dublado. Color. 12 mm. VHS NTSC.

o. CD-ROM OU DVD

Além dos elementos de referências tradicionais, que se acrescentem, quando disponíveis, as seguintes informações:

- descrição física: CD-ROM ou DVD, multimídia, cor, som, quantidades de suportes e disquetes de instalação e material adicional;

- descrição da tecnologia de acesso ao conteúdo: *hardware* (configuração mínima) e *software* (sistema operacional) – *Windows*, *Macintosh* etc.;

- resumo do conteúdo ou tipo do documento – jogos, material acadêmico, TCC etc.

ALMANAQUE Abril: a enciclopédia em multimídia. 4. ed. São Paulo: Abril multimídia, 2002. 1 CD.

EU, robô. Direção de Alex Proyas. EUA: Fox: Videolar, 2004. 1 DVD.

p. INTERNET

Nome do autor; título do documento ou da *WEB* page (ou do *frame*); título do trabalho maior contendo a fonte (*Web site*); informações sobre a publicação (incluindo a data da publicação e/ou da última revisão); endereço eletrônico (URL); data do acesso; e outras informações que pareçam importantes identificar na fonte.

BOCK, Daniel. Fundos da internet tem rentabilidade negativa. **A Gazeta.** Disponível em: <<http://www.gazeta.com.br>>. Acesso em: 17 maio 2002.

q. FILME

Título. Direção. Roteiro. Intérprete. Local: Produtora. Distribuidora, ano. Número de fitas (1 filme) duração em min. (101min): Son (leg. ou dub.); indicação da cor (color) e largura da fita em mm.

CENTRAL do Brasil. Direção: Walter Salles Júnior. Rio de Janeiro. Produção: Martire de Clemont – Tonnerre e Arthur Cohn. Lê Studio Canal; Riofilme, 1998. 1 filme (106min), son., color., 35mm.

r. JURISDIÇÃO

Título (especificação da legislação, número e data). Ementa. Dados da publicação.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília: Senado, 1988.

SANTA CATARINA (Estado). Lei n. 5.345, de 16 de maio de 2002. Autoriza o desbloqueio de Letras Financeiras do Tesouro do Estado e dá outras providências. **Diário Oficial do Estado**, Poder Executivo, Florianópolis, 16 jun. 2002. Seção 3, p. 39.

s. **BÍBLIA**

Bíblia no Todo

BÍBLIA. Língua. **Título**. Tradução ou versão. Local: Editora, ano.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Trad. Centro Bíblico Católico. 34. ed. São Paulo: Ave Maria, 1982.

Partes da Bíblia

BÍBLIA. N.T. João. Português. **Bíblia Sagrada**. Reed. versão de Antônio Pereira de Figueiredo. São Paulo: Ave Maria, 1980. v. 12, p. 356-460.

t. **MAPAS**

AUTOR. **Título**. Local, ano. Unidades físicas. Cor; altura x largura. Escala.

IBGE. **Afluentes do rio Uruguai**. Rio de Janeiro, 1997. 1 mapa: color; 72X90 cm. Escala 1: 1.200.000.

4.1 EXERCÍCIOS SOBRE REFERÊNCIAS I

1) **De acordo com a NBR 6.023, de agosto de 2002 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), elabore as referências abaixo. Lembre-se do emprego adequado de maiúsculas, efeitos e elementos essenciais para cada tipo de documento.**

a) Oitava edição. **MARKETING CONTEMPORÂNEO**. Louis Boone e David Kurtz. DISCIPLINA METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTÍFICO III 1998. Cidade do Rio de Janeiro. Editora LCT.

b) Editora Aleph. Janaína BRITTO & NENA FONTES. 2002. **Estratégia para Eventos - Uma Ótica do Marketing e do Turismo**. São Paulo. 1ª edição.

c) Marketing básico. Marcos Cobra. Uma perspectiva brasileira. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 1997.

d) Editora Cultura. **O segredo de Luisa**. São Paulo. 1999. Fernando Celso Dolabela. 1ª edição.

e) Pesquisa feita em 27 de janeiro de 2005. SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA ECOLÓGICA – ECOECO. Endereço eletrônico: <http://www.eco.unicamp.br/ecoeco>

f) Dissertação de mestrado em Turismo e Hotelaria. 2004. Universidade do Vale do Itajai - UNIVALI. Cidade: Balneário Camboriu. Renata Silva. **Título: O TURISMO RELIGIOSO E AS TRANSFORMAÇÕES SÓCIO-CULTURAIS, ECONÔMICAS E AMBIENTAIS EM NOVA TRENTO - SC**. 2004. 190 folhas.

g) Congresso Ibero Americano de Desenvolvimento e Meio Ambiente: Desafios locais face à globalização. REDE IBEROAMERICANA DE ECONOMIA ECOLÓGICA. Data do evento: 08 e 09 de novembro de 2002. Local: Quito, Equador. Site: <http://www.enteconsulting.com/cidma/rieepo.htm>. Data: 27/01/2005.

h) Site: <http://susep.gov.br/testos/resolv110.htm> Data: 29 de julho de 2005. Conselho Nacional de Seguros Privados - CNSP. Resolução CNSP nº 110, de 2004.

i) Título do livro. **GESTÃO empresarial**. Editora Faculdade São Francisco. Cidade: Blumenau. 2004. pag. 55 a 57. Autores do capítulo: Antônio Lazaro Conte e Gislene Regina Durski. Título do Capítulo: **Qualidade**. Organizador do livro: Judas Tadeu Grassi Mendes.

j) Revista T&C Amazônia. 2003. Título do artigo: **COMPUTAÇÃO MÓVEL: NOVAS OPORTUNIDADES E NOVOS DESAFIOS**. Autores: Carlos M. S. Figueiredo, Eduardo Nakamura. Número 2. Ano 1. Junho. p. 16-28.

k) Coord. do Livro: Helena Bomeny. Autor do Capítulo: Laurence Wolf. Título do Capítulo: **Avaliações educacionais: uma atualização a partir de 1991 e implicações para a América Latina**. Título do livro: **Avaliação e determinação de padrões na educação latino-americana: realidades e desafios**. P. 14 a 35. Rio de Janeiro. Editora Fundação Getúlio Vargas. 1997.

l) **AVALIAÇÕES nacionais em larga escala: análises e**

propostas. Revista ESTUDOS EM AVALIAÇÃO EDUCACIONAL. Cidade: São Paulo. Número: 27. jan/jun. 2003. P.41-76. Autor: Heraldo Marelim Vianna.

m) Dilvo Ilvo Ristoff e Amir Limana. Site: <http://www.inep.gov.br/imprensa/artigos/enade.htm>. Data: 25/11/2004. Hora: 10:57. O ENADE como parte da avaliação da educação superior.

n) AUTONOMIA universitária para quem? Autores: Tarso Genro & Ronaldo Mota. Escrito em: 10/02/2005. Pesquisado em 22/07/2005. Hora: 16:25 Publicado no Ministério da Educação (BRASIL). Assessoria de Comunicação Social.

o) FOLHA ONLINE. MEC propõe interligar avaliação e regulação do ensino superior. Escrito em: 2 3 / 0 2 / 2 0 0 6 . Site : <http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u18403.shtml> Data da publicação: 22/04/2006. Hora: 14h 10m.

4.2 EXERCÍCIOS SOBRE REFERÊNCIAS II

1) Faça exemplos de referências de:

- a) Artigo científico (Leonardo Pós),
- b) Monografia, dissertação ou tese (impressa),
- c) Monografia, dissertação ou tese (on-line),
- d) Artigo de jornal (sem autor definido),
- e) Artigo de revista (com autor definido),
- f) Artigo de internet (com autor definido),
- g) Artigo de internet (sem autor definido),
- h) Artigo publicado em evento,
- i) Livro com mais de três autores,
- j) Livro em parte (autor do capítulo não é o mesmo da obra).

Anotações

[illegible]

[illegible]

5 REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6022**: artigo em publicação periódica científica impressa: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 6023**: informação e documentação - referências - elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 6028**: resumo: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 14724**: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2005.

BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LELFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos da metodologia científica**. 2. ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2000.

BASTOS, Lília et al. **Manual para elaboração de projetos e relatórios de pesquisa, teses, dissertações e monografias**. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2000.

FOUREZ, Gerard. **A construção das ciências**: introdução à filosofia e à ética das ciências. São Paulo: EdUNESP, 1995.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

MÁTTAR NETO, João Augusto. **Metodologia científica na era da informática**. São Paulo: Saraiva, 2002.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica**: a prática de fichamentos, resumos e resenhas. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

SANTOS, Antônio. **Metodologia científica**: a construção do conhecimento. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SILVA, R.; TAFNER, E. P. **Apostila de metodologia científica**. Brusque: ASSEVIM – Associação Educacional do Vale do Itajaí-Mirim, fev. 2004.

SOARES, Edvaldo. **Metodologia científica**: lógica, epistemologia e normas. São Paulo: Atlas, 2003.

TAFNER, Malcon; TAFNER, José; FISCHER, Juliane. **Metodologia do trabalho acadêmico**. Curitiba: Juruá, 1999.

ANEXO A - Textos para o exercício sobre ideias-chave e palavras-chave**EDUCAÇÃO BASEADA EM EVIDÊNCIA**

Cláudio de Moura Castro

Se consultarmos um médico bem formado, uma vez feito o diagnóstico, ele vai decidir a terapia com base na experiência passada com pessoas que penavam a mesma síndrome e tomaram diferentes remédios. Será receitada aquela droga cujas estatísticas de sucesso são maiores do que as alternativas disponíveis. Decide a evidência, e não a palavra do luminar ou a tradição. É a medicina baseada na evidência.

Seria de imaginar que, na sala de aula, o critério fosse o mesmo. A evidência do que deu mais certo orientaria a escolha do método de alfabetizar, do livro ou da forma de ensinar. Parece lógico, funciona na medicina. Mas o professor não busca a evidência acumulada para orientar sua sala de aula. Uma possível explicação para isso é que a evidência científica é incontrolável e pode revelar verdades desagradáveis.

Com o auxílio de João Batista de Oliveira, exploro abaixo algumas constatações constrangedoras e penosas. O Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) é uma prova tecnicamente bem feita e impecavelmente aplicada. Mostra o nível de aprendizado dos alunos a ele submetidos. Tomando estudantes da 4ª série do ensino fundamental e tabulando pelo perfil dos professores que eles tiveram, podemos calcular a média para cada subgrupo. Essa média indica quanto aprenderam os alunos que tem mestres com este ou aquele perfil de formação. Os alunos de professores que cursaram magistério ou pedagogia tem notas piores do que os de professores que possuem diploma superior em outra carreira. Aprende mais quem aprende com quem não é professor? Não sabemos ao certo. Se for verdade, por que não facilitamos aos que possuem outros diplomas de curso superior o acesso ao magistério? O Saeb apenas dá pistas. É preciso aprofundar a análise, com dados complementares. Temos muitas estatísticas, temos gente qualificada para analisá-las com a sofisticação requerida. Precisamos saber mais e com mais precisão. O Saeb mostra outras pistas interessantes. Buscando-se os fatores que mais aumentam o rendimento dos alunos, encontramos os seguintes:

O maior diferencial de rendimento está ligado ao cumprimento do currículo previsto. Se o professor não

ensina, o aluno não tem chance de aprender. Parece óbvio, mas o mau uso do tempo é endêmico.

Um dos fatores mais correlacionados com bons resultados é o uso regular de livros e de outros recursos da biblioteca. Diante disso, causa espanto ver menos de 50% das escolas com bibliotecas.

Aprendem mais os alunos de professores que consideram ótimo o livro didático adotado. Contudo, em apenas metade das classes todos os estudantes possuem livros e só a metade dos mestres recebe do MEC o livro solicitado.

Os professores contratados via CLT tem alunos com mais alto rendimento. São melhores mestres do que os estatutários e os contratados em regime precário? Por quê? É o regime ou tem alunos diferentes?

Os alunos dos professores que fizeram cursos de capacitação, abundantemente oferecidos pelo país afora, não tem notas melhores. Serão inúteis tais cursos? O Saeb não é diagnóstico preciso nem terapia, apenas um termômetro. Mostra a existência de um problema e dá pistas para sua identificação em estudos subsequentes, com ferramentas mais elaboradas. Mas, se acreditamos na educação baseada em evidência, não podemos ignorar o sinal de alarme, sugerindo que algo vai mal. O aluno deve aprender no livro. Mas a primeira cartilha para avaliar os sistemas educativos é o Saeb. Todavia, como está denunciando verdades particularmente desagradáveis, não podemos esperar que os prejudicados tomem iniciativas. Nada vai acontecer sem a intervenção de outras forças vivas da sociedade.

REFERÊNCIA

CASTRO, Cláudio de Moura. Educação baseada em evidência. **Veja**, São Paulo, n.31, p. 26, 3 ago. 2005.

O PAPEL DO SUPERVISOR FRENTE ÀS NOVAS TECNOLOGIAS

Marília Forgearini Nunes¹

Não há dúvida de que o mundo vive uma mudança de paradigma, um desconforto de todos em busca de respostas diante de tantas mudanças. Isso se deve, em grande parte, ao avanço da tecnologia. Se o surgimento da televisão provocou uma enorme mudança de comportamento em uma determinada época, imagine então o computador e a internet. A possibilidade de manter-se informado sobre diversos assuntos provenientes de diversas partes do mundo instantaneamente era algo inimaginável para as pessoas há apenas algumas décadas, e isso é possível agora.

O que o professor ou o supervisor escolar tem a ver com isso? Muita coisa. Por quê? Pelo simples fato de que as pessoas com as quais eles lidam, direta ou indiretamente, estão vivendo essa mudança e precisam do auxílio do professor e do supervisor para saber como aproveitar essa mudança da melhor maneira possível para que ela não acabe sendo prejudicial. Os alunos, crianças e adolescentes, estão dentro desse mundo repleto de informações, de novidades tecnológicas convivendo diariamente com isso, e os professores e os supervisores não podem se excluir, se mostrar descrentes ou amedrontados diante de tudo isso.

As novas tecnologias que incluem não apenas o computador com seus programas e a internet, mas também a televisão, o rádio, o vídeo e, modernamente, o DVD, não podem ser vistas como vilões prejudiciais ou substitutos dos professores. O papel do professor é insubstituível, pois, diante de tantas modificações e informações, é preciso que haja alguém que auxilie o aluno a analisar criticamente tudo isso, verificando o que é válido e deve ser utilizado e o que pode ser deixado de lado. Apesar da facilidade de acesso à informação que a tecnologia nos permite, o professor continua sendo indispensável para que a tecnologia seja utilizada corretamente, resume Faria (2001, p. 60).

O uso da tecnologia em sala de aula é bastante válido no sentido de que possibilita “um ensino e uma aprendizagem mais criativa, autônoma, colaborativa e interativa.” (FARIA, 2001, p. 64). No entanto, o professor ainda, muitas vezes, mantém-se apreensivo e reticente em utilizar a tecnologia em sua aula. Segundo Heide e Stilborne (2000, p. 24), muitas são as razões para que o professor aja dessa maneira: não

saber como utilizar adequadamente a tecnologia nas escolas, não saber como avaliar as novas formas de aprendizagem provenientes desse uso, não saber como usar a tecnologia e, algumas vezes, por falta de apoio dos colegas ou da escola para o uso de inovações em sala de aula.

Diante dessas dificuldades e de outras que possam surgir, a solução ou o auxílio devem vir do supervisor escolar. A busca de novas técnicas ou métodos que auxiliem a aprendizagem do aluno é algo constante na ação do supervisor. Dessa forma, o uso da tecnologia é algo que vem auxiliar essa ação. Professor e supervisor devem caminhar juntos procurando conhecer todas as possibilidades oferecidas pela tecnologia que os auxiliem a desenvolver um ensino e uma aprendizagem em que a criatividade e a interação sejam as principais características.

O supervisor escolar, quanto ao uso adequado da tecnologia, deve ser parceiro do professor no sentido de conhecer e analisar todos os recursos disponíveis usando a sua melhor utilização. Nada adianta fazer uso da tecnologia se isso não é feito da melhor maneira possível. As crianças e os adolescentes até podem apresentar, muitas vezes, um conhecimento bem mais adiantado de todas as ferramentas tecnológicas hoje existentes, mas esse conhecimento não será útil se ele não for utilizado de maneira crítica. Supervisor e professor devem caminhar juntos procurando desenvolver, em todos os trabalhos envolvendo a tecnologia, a competência crítica dos alunos.

O uso adequado da tecnologia no ambiente escolar requer cuidado e atenção do professor para avaliar o que será usado e reconhecer o que pode ou não ser útil para facilitar a aprendizagem de seus alunos, os tornando críticos, cooperativos, criativos. Além disso, requer do supervisor escolar uma disposição para aceitar o novo, conhecê-lo, senão profundamente, mas, pelo menos, em parte, para ser capaz de julgá-lo e procurar encaixá-lo na sua prática e na do professor da sua escola.

Conclui-se que o uso das novas tecnologias na educação e no ambiente escolar existe e deve ocorrer. No entanto, é algo que deve ser feito com cuidado para que a tecnologia (computador, internet, programas, CD, televisão, vídeo ou DVD) não se torne para o professor apenas mais uma maneira de “enfeitar” as suas aulas, mas se torne uma maneira de desenvolver

¹ Marília Forgearini Nunes é concluinte do Curso de Especialização em Supervisão Escolar pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Educação a Distância.

Anotações

COMUNICAÇÃO EMPRESARIAL NOS DIAS DE HOJE

Hélio Augusto de Magalhães

Nos anos 1990, principalmente a partir da primeira metade, as empresas e o mercado passaram por processos constantes de mudanças, em consequência das fortes alterações e mutações políticas, econômicas e sociais, muitas vezes num contexto dinâmico, contínuo e contraditório.

Nesse período, o mundo empresarial presenciou no cotidiano os efeitos da era da globalização da economia e do crescente apelo para o exercício da competitividade, da responsabilidade social e ambiental e eficiência na produção. Esse fato levou os executivos a conviverem com permanentes oscilações em diferentes situações, sendo necessário o ajuste do ponto de vista do papel da comunicação empresarial na instituição.

Outros fatores contribuíram para esta realidade: a mudança do papel do estado na economia, o impulso irreversível de abertura comercial, as privatizações de empresas estatais, desregulamentação de inúmeras atividades econômicas e as aquisições e fusões maciças de empresas nacionais por grupos transnacionais. A tudo isto, soma-se a paulatina integração do país à abertura comercial, à formação de blocos econômicos e à informatização do mercado.

É justamente este processo de globalização que muda a face da economia brasileira, levando as empresas a transformarem a comunicação empresarial em uma área estratégica de resultados, decorrente da qualidade de seus profissionais.

Paralelo a estes acontecimentos, o conceito de cidadania está mais presente na vida das pessoas, com a sociedade exigindo das empresas maior transparência e prestação de contas de suas ações. Este processo macroeconômico traz como condição crucial para as empresas a rápida difusão de novos meios de comunicação, forçando as organizações a abandonarem o amadorismo e a contarem com profissionais especializados em comunicação, capazes de fazer as mediações entre os diferentes públicos.

A partir dos anos 1990, as empresas brasileiras viram surgir a sua volta públicos que querem saber não só de produtos e serviços, mas também de claros objetivos de diálogo. Não é mais possível, principalmente para as instituições públicas, conceber e executar planos, propostas e programas isolados da

comunicação institucional, mercadológica, interna e administrativa. Neste momento, é necessário para as empresas criarem uma filosofia e uma política que privilegie a integração dessas ações comunicacionais para fazer frente a essa sociedade afluyente e ter acesso aos mercados complexos.

A pluralidade deste mercado faz as empresas dependerem de forma fundamental da produção múltipla e permanente de informações agregadas aos seus produtos, serviços e ações de seus gestores. O acirramento da concorrência em escala internacional faz com que as empresas encarem a comunicação de forma muito mais abrangente, abrindo canais cada vez mais eficientes.

Outro caminho a trilhar é a consolidação de uma maior fundamentação teórica para o exercício da comunicação empresarial. Hoje, muitas pessoas, instituições e organizações estão despertando para essa necessidade. Não é mais possível, nos dias de hoje, organizações alheias a estes fatos que tragam como subproduto uma empresa fechada e analfabeta em comunicação.

As buscas destes novos paradigmas tem que passar pela pesquisa e identificação do conhecimento técnico-científico já disponível. O profissional em comunicação precisa criar novas perspectivas e demandas adquiridas nos cursos de pós-graduação, bem como a organizações devem ter a preocupação em apostar na comunicação, montando ou atualizando estruturas, redefinindo políticas, treinando pessoas, recorrendo a assessorias e consultorias especializadas. Pensar, decidir e administrar a comunicação vai muito além de produzir belas peças institucionais, jornais, home page, entre outras coisas.

Devemos esclarecer, ainda, que a responsabilidade da comunicação empresarial é muito importante para ser considerada uma exclusividade de umas poucas pessoas ou de uma área. Ela deve ser delegada a todos os funcionários da instituição. Entretanto, é preciso contar com a pessoa certa que analise a comunicação da empresa globalmente, que tenha uma base teórica, que conheça o mapa geral da profissão e que tenha vivenciado alguns destes conhecimentos. É necessário que esta pessoa dedique seu tempo e energia, atenção e experiência à comunicação como um todo.

Finalmente, devemos destacar que, dentro de uma

[illegible]

NO MUNDO DA INTERNET

José Maurício Santos Pinheiro¹

O famoso pintor Pablo Picasso disse um dia que os computadores eram inúteis, pois apenas conseguiam nos dar respostas. Nessa época, provavelmente este era um pensamento comum entre as pessoas frente aos novos inventos que surgiam ainda sem uma utilidade definida.

O tempo passou, os computadores evoluíram e, nos últimos anos, o mundo avançou rapidamente para a chamada “era da informação”. Surgiram os tão falados e digitados três dáblios, www, que significam “world wide web”, e que poderíamos traduzir como “teia de alcance mundial”. “World wide” significa “da largura do mundo” e “web” significa “teia”. A “www” foi o mecanismo que permitiu a explosão da internet porque possibilitou um acesso ao conhecimento antes restrito a poucas pessoas pelo mundo.

Assistimos assim ao nascimento de uma sociedade digital onde a internet é um tema dominante e sempre visto numa perspectiva de futuro, no amanhã que já começou ontem, onde a grande teia se faz cada vez mais presente em nossas vidas e vem revolucionando a forma como trabalhamos, como vivemos, como nos divertimos, como fazemos negócios ou como aprendemos.

Mas até a própria internet evolui, e o ritmo dessa evolução é tão rápido que qualquer tentativa de descrevê-la como era há alguns anos se torna uma tarefa muito difícil para muitas pessoas. De fato, o futuro no mundo da internet já é passado no momento em que o leitor acabar de ler este texto.

A internet ainda não mudou o mapa-mundi, mas quase. O desenvolvimento da internet não veio apenas transformar antigos conceitos, tentar acabar com limites territoriais ou quebrar barreiras de comunicação. De alguma forma, tem sido também co-responsável pelo surgimento de uma nova geração, com novos conceitos e uma nova visão de mundo. A convergência das tecnologias de informação e das comunicações abriu perspectivas com um importante e positivo impacto na transmissão do conhecimento.

Mas no mundo da internet, nem tudo são flores e os problemas existem. A internet de hoje ainda é carente de segurança. Como teve sua origem como um projeto de computação e não como um serviço de telecomunicações, sempre atraiu muita gente de talento, pessoas com os objetivos nobres de divulgar o conhecimento e outras, com objetivos menos nobres, e

que, pelo simples prazer de violar regras ou para benefício próprio, invadem sistemas de computação de empresas, bancos, lojas e órgãos governamentais pelo mundo todo causando grandes prejuízos.

A internet tornou-se um fenômeno de massa que está no centro das transformações que conduzem o mundo para uma economia global, representando uma revolução científica, tecnológica, social e econômica. Os recursos de informação e interação disponíveis introduziram mudanças importantes na sociedade humana de um modo geral e não há nenhuma indicação que aponte na direção contrária ou para a diminuição da intensidade dessas transformações em curso.

Ao contrário, são visíveis os sinais de que este contexto de mudança se acentua e que, certamente, esse processo de transformação continuará nos próximos anos dando origem a uma “economia digital” com profundas transformações na organização da sociedade e da maneira de viver individual como conhecemos atualmente.

REFERÊNCIA

PINHEIRO, José Maurício Santos. No mundo da internet. **Projetos de Redes**. Disponível em: <http://www.projetoederedes.com.br/artigos/artigo_mundo_net.html>. Acesso em: 14 jun. 2004.

Anotações

¹ Professor Universitário, Projetista e Gestor de Redes, membro da BICSI, Aureside, IEC, e autor do livro Guia Completo de Cabeamento de Redes. E-mail: jm.pinheiro@projetoederedes.com.br

APÊNDICE B - Modelo da estrutura do artigo

TÍTULO DO ARTIGO (times, 18, maiúsculas, centralizado, negrito)

Subtítulo
(opcional, times, 16, maiúsculas/minúsculas, centralizado, negrito)

2 linhas-fonte 12

Nome do Autor
(times, 12, maiúsculas/minúsculas, centralizado, negrito) (Nota de rodapé constando
Titulação e e-mail)

Nome do Co-autor
(times, 12, maiúsculas/minúsculas, centralizado, negrito) (Nota de rodapé constando
Titulação e e-mail)
(1 linha-fonte 12)

Resumo (times, 12, negrito, alinhado à esquerda)

(1 linha-fonte 12)

O resumo deve ser 1 parágrafo de, no máximo, 15 linhas ou de 250 palavras, sem recuo na primeira linha. **Usar espaçamento simples, justificado, tamanho 12, itálico.**

(2 linhas-fonte 12)

Palavras-chave: de 3 a 6, separadas entre si, finalizadas por ponto e iniciadas com letra maiúscula. (fonte 12, negrito, alinhado à esquerda)

(2 linhas-fonte 12)

1 INTRODUÇÃO

O artigo deve ser escrito utilizando papel A4. **Margens superior: 2cm, esquerda: 3cm; margens direita e inferior: 2cm.**

O texto deve ser escrito em fonte *Times*, 12. O espaçamento deve ser simples; o alinhamento, justificado; o início de cada parágrafo, 1 Tab. ou 1.25cm. Deixar uma linha em branco entre um parágrafo e outro.

2 RESPONSABILIDADE SOCIAL

2.1 A GESTÃO DA RESPONSABILIDADE SOCIAL

2.1.1 Benefícios da responsabilidade social

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

4 REFERÊNCIAS

Devem ser colocadas em ordem alfabética, ou seja, pelo sistema autor-data de acordo com as normas da ABNT.

Apostila elaborada pelos professores
de MTC do ICPG

INSTITUTO
CATARINENSE DE
PÓS-GRADUAÇÃO

ICPG

